



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

JÔNATAS FERREIRA DE LIMA SOUZA

JUDEIA, JERUSALÉM E JUDEUS:
IDENTIDADE, ALTERIDADE E CONCEITOS NO LIVRO V DAS *HISTÓRIAS* DE
TÁCITO (SÉCULOS I E II E.C.)

Rio de Janeiro
2023

JÔNATAS FERREIRA DE LIMA SOUZA
DRE N° 115044769

JUDEIA, JERUSALÉM E JUDEUS:
IDENTIDADE, ALTERIDADE E CONCEITOS NO LIVRO V DAS *HISTÓRIAS* DE
TÁCITO (SÉCULOS I E II E.C.)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Monografia (LEWK01) do curso de Letras Português-Hebraico da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras Português e Hebraico, sob orientação do professor Dr. Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira.

Rio de Janeiro
Julho de 2023 (semestre 2023.1)

FOLHA DE APROVAÇÃO

JÔNATAS FERREIRA DE LIMA SOUZA
DRE N° 115044769

JUDEIA, JERUSALÉM E JUDEUS:
IDENTIDADE, ALTERIDADE E CONCEITOS NO LIVRO V DAS *HISTÓRIAS* DE
TÁCITO (SÉCULOS I E II E.C.)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Monografia (LEWK01) do curso de Letras Português-Hebraico da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras Português e Hebraico, sob orientação do professor Dr. Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira.

Aprovada em: 25/07/2023

MÉDIA:

Orientador: Prof. Dr. Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira – UFRJ
(Departamento de Letras Eslavas e Orientais)

Leitora Crítica: Prof^ª. Dr^ª. Arlete José Mota – UFRJ
(Departamento de Letras Clássicas)

CIP - Catalogação na Publicação

S729j SOUZA, Jônatas Ferreira de Lima
Judeia, Jerusalém e Judeus: identidade, alteridade e conceitos no Livro V das *Histórias* de Tácito (séculos I e II E.C.) / Jônatas Ferreira de Lima Souza. -- Rio de Janeiro, 2023.
48 f.

Orientador: Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português-Hebraico, 2023.

1. Roma Antiga. 2. *Histórias* de Tácito. 3. Judeia, Jerusalém e Judeus. 4. Alteridade e Identidade. 5. História dos Conceitos. I. OLIVEIRA, Leopoldo Osório Carvalho de, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Em especial

à memória de

Maria Clara Araújo Guedes ♥

Sebastião Mendes de Carvalho 📖

Karina Maria Campos de Lima ♥

Wolfgang von Morgenland ☆

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Francisco Justino e Iêda Ferreira, pelo apoio em todos os sentidos e momentos da sobrevivência de um estudante longe de seu estado natal.

Agradeço a minha esposa, Midian, pela paciência com um reles mortal como eu.

Agradeço a todos os professores e professoras que tive durante o curso de graduação, e, claro, um agradecimento especial aos queridos docentes de língua hebraica moderna. Vocês tornam esse curso especial.

Agradeço ao prof. Leopoldo em particular por ter aceitado a orientação deste trabalho monográfico. Obrigado pelas orientações e dicas!

Agradeço sempre à prof^a. Arlete, leitora crítica deste trabalho, que sempre está disposta a nos ajudar em nossa trajetória acadêmica.

Agradeço em especial ao prof. Luiz Karol que por alguns semestres me acompanhou e igualmente me orientou nas bases da pesquisa que veio a se tornar esta monografia.

Agradeço a todos que me deram a oportunidade de aprender, nessa jornada iniciada em 2015, novas formas de pensar este mundo plural de gostos, desejos e anseios humanos.

Apesar da distância, agradeço a virtual companhia de meus amigos do CEFET-RN turma 2005!

Agradeço aos indivíduos anônimos que disponibilizam na internet livros em versão digital.

Agradeço aos inventores dos videogames e jogos virtuais, seja on-line ou off-line!

Agradeço a todos os colegas (discentes e docentes) que fiz durante o curso de graduação. *É nós.*

Agradeço, por fim, aos familiares de minha esposa, pela companhia virtual e igual apoio afetivo. Vida longa para vocês!

RESUMO

SOUZA, Jônatas Ferreira de Lima. *Judeia, Jerusalém e Judeus: identidade, alteridade e conceitos no Livro V das Histórias de Tácito (séculos I e II E.C.)*. Rio de Janeiro, 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Português e Hebraico) – Faculdade de Letras, Departamento de Letras Eslavas e Orientais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Com esta monografia pretende-se explorar o olhar de Tácito, renomado historiador romano, para com os judeus de sua época. É normal que, em nossos dias, isso seja pouco considerado pelo leitor não especialista, uma vez que os textos judaicos sobre si mesmos, sua história e sua comunidade são *best-sellers* amplamente divulgados em diversas línguas. Mas, imaginemos que, assim como o caso de muitos povos do passado, os judeus fossem um povo cuja produção antiga se perdeu, ou ainda não foi encontrada, ou, cuja língua escrita ainda não foi decifrada. No caso, há mais de dois mil anos, num mundo greco-latino, cenário em que os textos judaítas não eram praticamente conhecidos do mundo intelectual e letrado da época, que imagem das coisas judaicas um autor renomado como Tácito deixaria como legado para a posteridade? Ou seja, o que nós leríamos hoje sobre esse “povo da Judeia”, cuja produção textual “se perdeu” no tempo? Assim, este trabalho monográfico apresentará e comentará a digressão etnográfica produzida por Tácito em suas *Histórias*, no seu Livro V, capítulos 1 a 13. Para atingir esse objetivo maior, a monografia terá como base teórica conceitos como identidade, alteridade, romanização, imperialismo e evergetismo. Esse intento maior é sustentado aqui pelo interesse da História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*), que dá particular importância ao estudo de palavras ou palavras-conceito (palavras-chave) que aprofunda uma realidade já estudada por outras perspectivas teóricas e metodológicas – assim, um estudo comparado das palavras “judeu”, “Jerusalém” e “Judeia” será feito dentro da perspectiva greco-latina de Tácito e igualmente da etimologia das línguas afro-asiáticas (semíticas).

Palavras-chave: Roma Antiga; Histórias de Tácito; Judeia; História dos Conceitos; Identidade; Alteridade.

תקציר

SOUZA, Jônatas Ferreira de Lima. *Judeia, Jerusalém e Judeus: identidade, alteridade e conceitos no Livro V das Histórias de Tácito (séculos I e II E.C.)*. Rio de Janeiro, 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Português e Hebraico) – Faculdade de Letras, Departamento de Letras Eslavas e Orientais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

מונוגרפיה זו נועדה לחקור את נקודת המבט של טקיטוס, היסטוריון רומי נודע, כלפי היהודים של זמנו. ראוי לציין כי היבט זה הוא התעלם לעתים קרובות על ידי קוראים שאינם מומחים היום, מאז שיש תפוצה רחבה של טקסטים יהודיים פופולריים שדנים בהיסטוריה ובקהילה שלהם במספר שפות. אבל, כמו גם קרה אם תרבויות עתיקות רבות, בואו נדמיין תרחיש שבו היהודים היו עם שכתביו העתיקים אבדו או לא התגלו, או ששפתם הכתובה טרם פוענחה. במקרה כזה, לפני יותר מאלפיים שנה, בעולם יווני רומי שבו טקסטים יהודיים היו כמעט שלא מוכרים לחוגים האינטלקטואליים והמשכילים של אותה תקופה, איזה תיאור של החיים היהודיים סופר מכובד כמו טקיטוס היה ישאיר כמורשת לדורות הבאים? במילים אחרות, איזה מידע יהיה לנו היום על אותו "עם יהודה" שרישומיו הכתובים "אבדו" בחלוף הזמן? לכן, עבודה מונוגרפית זו תציג ותנתח את החריגה של טקיטוס על תרבות וחברה יהודית, כפי שנמצא ב-*Historiae* (היסטוריות), במיוחד בספר החמישי פרקים 1 עד 13. כדי להשיג מטרה זו, המונוגרפיה תתבסס על מושגים תיאורטיים כגון זהות (Identity), אחרות (Alterity), רומאניזציה (Romanization), אימפריאליזם (Imperialism) ואברגטיזם (Evergetism). מטרה זו גם נתמכת כאן על ידי העניין של היסטוריה מושגית (Begriffsgeschichte), אשר מייחסת חשיבות מיוחדת לחקר של מילים או מילים מושגים (או מילות מפתח) שמעמיקים מציאות כבר נבחנה דרך פרספקטיבות תיאורטיות ומתודולוגיות אחרות – אז, מחקר השוואתי של המילים "יהודי", "ירושלים" ו"יהודה" ייערך בפרספקטיבה היוונית לטינית של טקיטוס, כמו כן חקר האטימולוגיה שלהם בשפות אפרו-אסיאתיות (שפות שמיות).

מילות מפתח: רומא העתיקה; היסטוריות של טקיטוס; יהודה; היסטוריה מושגית; זהות; אחרות.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 REFLEXÃO ACERCA DAS ORIGENS DOS JUDEUS NA ANTIGUIDADE	14
2 TÁCITO: HISTORIADOR E ETNÓGRAFO LATINO	17
3 A PROVÍNCIA DA JUDEIA	20
4 PANORAMA DO TERRITÓRIO DA JUDEIA	24
5 A HISTÓRIA DOS JUDEUS E DA JUDEIA ANTES DOS ROMANOS	26
6 OS COSTUMES E OS RITOS DOS JUDEUS	29
7 A CONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE	31
8 ROMANIZAÇÃO OU IMPERIALISMO ROMANO?	33
9 JUDEU, JUDEIA, JERUSALÉM	36
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

A cultura e a história de Israel não são de interesse particular somente dos israelenses. Diferente de muitos outros povos, a presença de Israel no mundo contemporâneo chama a atenção, atraindo olhares para quase todos os seus aspectos: político, tecnológico, militar, histórico, social, econômico, religioso, turístico, geográfico, urbanístico, linguístico etc. Israel é uma nação territorialmente pequena (entorno de 21 mil km²), moderna e democrática, inserida no Oriente Médio, entre nações recheadas de fações político-religiosas comumente opositoras de sua legitimidade como país independente. A questão é que Israel já nasceu como um país com uma forte ligação com o mundo, com muitas outras nações, principalmente localizadas na América, Europa e norte da África. Essa ligação se deu, principalmente, pela origem etnicamente plural de seus fundadores, oriundos de diversas partes do mundo, todavia hegemonicamente de países e reinos da Eurásia e posteriormente influenciada por forte imigração da Europa, América e África como um todo. Israel, de forma sucinta, em poucos anos de independência (14 de maio de 1948), conquistou notoriedade internacional, seja por admiração, por crítica ou por ressentimentos subjetivos de seus opositores espalhados pelo mundo.

A fama de Israel se deu, inicialmente, por causa da identificação e da relação de seus fundadores com o judaísmo. Por sua vez, a fama judaica foi construída de forma pejorativa ao longo da história europeia. Apesar de não ser uma cultura que se despreendeu do cristianismo ou do islamismo, o judaísmo foi muitas vezes colocado na categoria de heresia e de costume ilegal entre as nações cristãs e posteriormente muçulmanas. Poucos foram os momentos de convivência relativamente pacífica entre essas religiões. Os judeus ou se fechavam em comunidades ou se integravam à sociedade e à religião aceita pela comunidade cívica maior. Na sua história, ambas as rotas foram tomadas, e assim os judeus se espalharam em diáspora por diversas partes do mundo, em busca de melhores condições para viver – gerando inclusive muitos descendentes que já não mais nasciam ou cresciam em comunidades – inclusive alguns tornando-se filósofos e cientistas deístas, agnósticos ou ateus – veja *e.g.* os casos de Benedito ou Bento de Espinoza, Karl Marx, Sigmund Freud, Marc Bloch, Rosa Luxemburgo, Ernestine Rose e Hannah Arendt. Todo esse problema de convivência europeia com judeus convergiu para todos os problemas já estudados sobre Inquisição ibérica (do século XI ao início do XIX) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Isso fomentou toda uma mentalidade pejorativa sobre judeus que ainda hoje persiste e que é cultivada por indivíduos e por grupos extremistas

político-religiosos, de todo nível de instrução escolar, e de supremacia racial, principalmente na Eurásia e América.

É comum que as nações mulçumanas e as nações já democráticas no ocidente, mas cuja base da mentalidade é cristã e nas quais a maioria de seus cidadãos frequentam alguma igreja, fiquem com suas expressões midiáticas atentas aos passos dos israelenses, para assim interpretá-los e mesmo julgá-los (de longe) – positiva ou negativamente. Como se pode perceber, por diversos motivos e intentos, Israel já nasceu como uma nação “*popstar*”. Com relação ao seu passado, no caso, à sua história antiga, é na Bíblia que popularmente se busca o *core* das suas informações, seja no âmbito religioso, no senso comum, seja no âmbito acadêmico.

E se não existissem os textos bíblicos? E se não existissem mais falantes de hebraico? E se os judeus, como ocorreu com muitos povos de cultura antiga, tivessem se assimilado a nações expansionistas e colonialistas e se perdido no tempo? E se os textos do antigo Israel ainda não tivessem sido descobertos, ou, se ainda não tivessem sido decifrados? “E se...” é uma proposição convencionada para se trabalhar teoricamente, uma vez que, para este caso, existem documentações antigas, gregas e romanas, que dedicaram espaço etnográfico para falar do “povo da Judeia”. Povos como citas, trácios, fenícios, persas, babilônicos, germânicos e outros, tiveram suas histórias, costumes, crenças e formas de governar apresentadas por historiadores e etnógrafos gregos e romanos, traduzidos, vertidos, lidos e interpretados para seu próprio público ouvinte. O conhecimento básico sobre esses povos só se acessava através desses trabalhos da antiguidade grega e romana, os que sobreviveram, uns completos, outros fragmentados – foi assim até a popularização acadêmica da arqueologia e do interesse pelo oriente na Europa, principalmente no século XIX e início do XX, com as descobertas de diversas inscrições em caracteres antigos e diversos – em escritas ideográficas (egípcias, persas, acadianas, hititas, micênicas etc.), principalmente.

Sob essa premissa, este trabalho monográfico tem por principal intuito e objetivo explorar a história e a cultura desse “povo da Judeia” sob o olhar do não judeu da Antiguidade. Para essa finalidade, aqui se analisará a obra do historiador romano Tácito (55-120 E.C.), intitulada *Histórias* (105 E.C.), especificamente seu Livro V, 1-13, onde consta uma digressão etnográfica sobre Jerusalém, o povo que nela habita e a província em que se encontra.¹ Tácito

¹ Vale informar que somente alguns excertos dos textos latinos de Tácito estarão presentes na monografia como citações – uma tradução livre será proposta nesses casos. Entretanto, as obras em compilação latina consultadas estão nas *Referências*. Aqui se optará por narrar com nossas próprias palavras aquilo que foi escrito por Tácito. Foram adicionadas complementações históricas, como datações, e algumas informações extras, mas relevantes à narrativa.

teceu um trabalho de etnografia praticamente completo sobre a Judeia e seu povo, e isso a difere de outras obras, que são comentários curtos, sendo que boa parte desses fragmentos de autores gregos sobre os judeus se encontram no trabalho de Flávio Josefo, em seu *Contra Apion* (95 E.C.).

Para isso, a monografia foi dividida em nove tópicos: no primeiro, uma reflexão acerca das origens dos judeus na Antiguidade, sendo esse um breve ensaio sobre a temática; no segundo, um espaço dedicado para Tácito, como pessoa, e sua carreira pública em Roma, além de sua atividade como etnógrafo e historiador, bem como um breve resumo dos quatro primeiros livros que antecedem o quinto, de suas *Histórias*²; no terceiro, apresentação e comentário da narrativa de Tácito sobre a província da Judeia e a guerra contra Jerusalém³; no quarto, sobre a geografia da província⁴; no quinto, sobre a história dos judeus antes dos romanos, na ótica do autor⁵; no sexto, sobre o costume dos judeus, um espaço bastante precioso para se pensar a questão judaica hoje e ao longo da experiência desse povo no ocidente⁶; no sétimo, um espaço dedicado à questão do estudo da alteridade e da etnografia em Tácito⁷; no oitavo, uma discussão conceitual entre os usos de romanização e imperialismo na pesquisa histórica sobre Roma⁸; no nono, e último, uma discussão etimológica e conceitual sobre as palavras “judeu”, “Jerusalém” e “Judeia”, apresentando uma comparação do ponto de vista do texto grego e latino com o estudo da língua hebraico antiga, dentro das línguas da família afro-asiática.

Com esta monografia pretende-se justamente explorar o ponto de vista de Tácito, e tentar perceber que tipo de conhecimento chegou até o presente sobre esse povo da Judeia; quem são esses judeus, segundo Tácito, e onde habitavam? Quais costumes cultivaram? Qual a sua forma de governo? Quais eram os seus aliados ou inimigos? De onde eles vieram? Qual a sua importância para o Império Romano? Enfim, em cada capítulo deste trabalho monográfico essas problematizações serão exploradas.

² As principais referências desse capítulo serão: Juliana Marques, “Estruturas narrativas nas Histórias de Tácito”, de 2009; Fábio Joly, “Tácito e o Império Romano”, de 2006; Norberto Guarinello, “Nero, o estoicismo e a historiografia romana” de 1996.

³ Cf. *Histórias*, V, 9-10 e 1; 11-13.

⁴ Cf. *Histórias*, V, 6-7.

⁵ Cf. *Histórias*, V, 2-3; 8.

⁶ Cf. *Histórias*, V, 4-5.

⁷ Aqui o trabalho de René Bloch, “Geography without Territory: Tacitus’ Digression on the Jews and its Ethnographic Context”, de 1999, será basilar. Outro trabalho importante para esse capítulo será o de François Hartog, *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, de 1980 [1999].

⁸ A base das argumentações desse capítulo perpassa: David Mattingly, *Imperialism, power, and identity*, de 2011; Norma Mendes, “Império e Romanização: ‘estratégias’, dominação e colapso”, de 2007; e Rosana Silva, “O fracasso do evergetismo romano na Judeia”, de 2010.

De antemão, é importante dizer que alguns autores já se dedicaram a esse estudo, nessa perspectiva da presença judaica em Tácito ou da presença judaica na literatura clássica, e aqui destacam-se: 1) os tradutores da obra *Histórias*, em suas edições críticas, como Alfred D. Godley, George Ramsay e Kenneth Wellesley; 2) o historiador René Bloch, professor no Departamento de Estudos Judaicos, da Universidade de Berna, na Suíça; 3) o historiador Martin Goodman, professor de história e literatura judaica na Universidade de Oxford; 4) no Brasil, destacam-se nomes de acadêmicos como: Vicente Dobroruka, Alex Degan, André Chevitarese, Sérgio Feldman, Luís Lobianco e outros. No âmbito da tradição historiográfica taciteana destaca-se aqui: Norberto Guarinello, Fábio Joly, Juliana Marques e outros; e no âmbito do estrangeiro, principalmente: Ronald Syme e Ronald Martin, além dos tradutores críticos atuais, como a historiadora romanista Rhiannon Ash da Universidade de Oxford.

Se consultou aqui boa parte dessas obras, com leituras pontuais de capítulos de livros ou coletâneas e artigos – as referências completas estarão no final deste trabalho. Esses são apenas alguns nomes pois, rica é a produção acadêmica sobre Tácito, todavia, ainda é pouco explorada essa perspectiva sobre essa visão dos judeus por parte da tradição etnográfica greco-latina – e nesse âmbito o destaque certamente é René Bloch.

Por fim, o elemento teórico e metodológico por trás do interesse pesquisador desta monografia passa pela História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*), de Reinhart Koselleck.⁹ Em suma, uma pesquisa nesse interesse se dedica a trabalhar com palavras-conceito, ou seja, toda aquela palavra que é um potencial conceito histórico, social, político, cultural etc., e que marca a mentalidade de uma época, em âmbito sincrônico, e no decorrer das eras, em âmbito diacrônico. Assim, está dentro desse intento perceber como Tácito concebeu intelectualmente as palavras “judeu”, “Judeia” e “Jerusalém”. Por todos os capítulos aqui elaborados, gradativamente um pouco de cada concepção greco-latina e taciteana dessas palavras vai se revelando ao leitor. Todavia, será só no nono capítulo que serão trazidas pontualmente as comparações entre as prováveis concepções de Tácito sobre os três termos, com os estudos de língua e etimologia afro-asiática (semítica). Com isso poderemos adentrar hipoteticamente na mentalidade de um latino ao remeter em sua época aos judeus, sua capital e suas coisas. Pode-se dizer, de antemão, que as informações podem aqui ser chocantes para um leitor não especialista desse tema. É importante ter em mente que na época de Tácito, por mais que a Judeia e os Judeus estivessem na “mídia”, devido aos conflitos, no geral, eram um grupo complexo, plural, minúsculo e bárbaro, na concepção romana. Além disso os textos da cultura

⁹ Principalmente sua obra *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, de 1979 [2006].

judaica eram praticamente irrelevantes ou mesmo desconhecidos da maioria de intelectuais, etnógrafos, historiadores, poetas, de todo o mundo erudito do Império Romano – a prova disso está nas obras de Flávio Josefo: um esforço monumental a fim de tornar os judeus visíveis ao mundo intelectual da época, segundo seu particular ponto de vista.

1 REFLEXÃO ACERCA DAS ORIGENS DOS JUDEUS NA ANTIGUIDADE

Para se definir, atualmente, tanto a história quanto a ou as identidades que conformam a comunidade judaica, se faz necessário seguir caminhos específicos: os estudos históricos e arqueológicos acadêmicos produzidos em universidades pelo mundo, e entrevistas e consultas a materiais procedentes de comunidades judaicas. No âmbito da História Antiga, particularmente através de textos antigos, o material mais consultado é a Bíblia – que contém o cânon literário do antigo Israel. Não se discutirá aqui a historicidade desses eventos narrados. Entretanto, a partir de toda essa combinação, entre história, arqueologia e informações oriundas das comunidades, pode-se resumir a história dos judeus da seguinte forma: a) II milênio A.E.C.: comunidades humanas de língua afro-asiática (semítica) se estabeleceram nas margens do mar Mediterrâneo, dos principais rios e no pé das grandes montanhas do Oriente Médio; acádios, babilônios e assírios foram povos com sociedades complexas que rivalizaram em influência e poder com os egípcios (hamita-africanos) e hititas (indo-europeus da Anatólia); a escrita cuneiforme comportou por milênios a comunicação e a correspondência internacional entre esses povos e suas línguas; a escrita, geralmente uma atividade bem conceituada e de alta demanda nessas regiões, tornou possível a proliferação cultural e científica da época; b) I milênio A.E.C.: diversos conflitos territoriais entre essas grandes forças no Levante e Mesopotâmia provocaram migrações e acirrados contatos culturais; alguns grupos humanos nômades e comerciantes da região se estabeleceram nas proximidades do território egípcio entre o mar Mediterrâneo e o rio Jordão; ali, nessa zona de passagem, desenvolveram uma forte cultura comercial e de navegação – a proliferação da escrita fonética pelo Mediterrâneo e a cunhagem de moedas são fruto dessa cultura; nomes conhecidos: fenícios, canaanitas, ugaritas, arameus.¹⁰

Seria nessa cultura mercante e navegante desenvolvida nessa região, supõe-se – sim, não é consensual academicamente – que as chamadas tribos de Israel se encontravam? Quiçá tribos nômades que se aproximaram e depois se assentaram nas proximidades dessa região, provavelmente, buscando mais conforto e novas oportunidades. Alguns nomes de grupos ou, de cidades, aparecem na literatura antiga: Sidon, Tiro, Asquelom, Jericó, Damasco – assentamentos nômades que cresceram em influência e formaram cidades. Essas cidades

¹⁰ Para uma leitura mais aprofundada sobre a escrita cuneiforme ver MIEROOP, Marc V. de. *Cuneiform Texts and the Writing of History*. London; New York: Routledge, 1999; para a história de Israel ver os capítulos da *The Cambridge History of Judaism*; e para um conhecimento geral da história da língua hebraica ver CHAIM, Rabin. *Pequena História da Língua Hebraica*. Tradução de Rifka Berezin. São Paulo: Summus Editorial, 1973.

passaram por diversas jurisdições maiores, principalmente egípcias e assírias. Era uma zona plural em diversos sentidos. Estabelecer o controle dessa zona geográfica nunca foi fácil para nenhum povo militarizado da época. Todavia, prevalecia culturalmente e cientificamente os conhecimentos vindos de egípcios e acádios (legados por assírios e babilônios). Dentre esses conhecimentos incluem-se todo tipo de produção literária (narrativas de viagens, cosmogônicas, de aventuras heroicas, de dramas, de louvores, e outras), medicinal, marítima, arquitetônica, artesanal, etc. Comerciantes e navegantes proliferaram muito dessa cultura pelo Mediterrâneo e Ásia Menor.¹¹

Do ponto de vista geral da literatura israelita, percebe-se muito de dessa pluralidade, onde se mesclam inspirações oriundas da cultura egípcia e da cultura acadiana (conhecida por meio da experiência entre assírios e babilônios, principalmente). Povos nômades possuem origem e história duvidosas. Exílio? Desterro? Povos nômades não possuem boa fama, principalmente pela forma negativa em que se via aqueles que andavam errante e longe do convívio maior.¹² Foram expulsos? Ou, são filhos de indivíduos afastados, repelidos por algum motivo de alguma comunidade assentada? Há efigie patrona de povos nômades? Além do que, povos nômades podem desenvolver variantes dialetais de uma língua. Os antigos israelitas eram descendentes de algum povo nômade? Segundo sua própria literatura, partindo de um ponto já assentado em cidades, os israelitas acreditavam ser descendentes de imigrantes da babilônia. Em um segundo momento, também acreditavam ser descendentes de imigrantes do Egito. Por fim, em um terceiro momento, acreditavam ser descendentes de imigrantes da Pérsia – nesse caso, mais identificados como judaítas do que israelitas.

Por mais que os devotos da religião judaica acreditem em uma origem certa, vinda de Ur, cidade da antiga suméria que passou pela gestão de diversos povos semitas, na Mesopotâmia, toda ela é praticamente incerta aos pesquisadores acadêmicos e as proposições de verdade religiosas para a História tendem a ser repletas de eventualidades anacrônicas e fictícias. Isso significa que a certeza de uma única origem para a comunidade judaica é fruto de aficionados por essas narrativas. Cientificamente, como apenas se arranhou aqui, não há certeza alguma sobre quem foram os povos que se intitulavam israelitas e judaítas. Em finais do século XIX a palavra “Israel” foi convencionalizada por Wilhelm Spiegelberg e Sir Flinders Petrie na estela egípcia de Merneptah (1400-1200 A.E.C.) onde se lê o termo “*ysriar*”, que provavelmente pode

¹¹ Para mais leitura sobre a relação de egípcios e os povos do crescente fértil ver: MONTET, Pierre. *O Egito no tempo de Ramsés*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; também a coleção *History of Egypt, Chaldea, Syria, Babylonia and Assyria*, por Gaston Maspero (1846-1916), Angelo Solomon Rappoport (1871-1950) *et al.*

¹² Atualmente *vide* o preconceito contra ciganos e, por que não, questões de xenofobia.

ser outra coisa, ou estar relacionada a outro povo – nesse caso, na época, uma tentativa de inserir Israel na história, segundo suas perspectivas de História.¹³ Existem também artefatos, inscrições e estelas escavadas no atual Estado de Israel que mostram que provavelmente houve um tempo, entre os séculos XI e V A.E.C., em que forças comunitárias tentaram exercer poderio exclusivo na região – um jogo de controles sucessivos, por assim dizer, em que nenhum dos proponentes foi de fato hegemônico por muito tempo. Nesse contexto, pode ter existido um povo chamado Israel, ou chamado Judá – mas seria improvável supor que foram poderes hegemônicos relativamente perenes nessa região tão conturbada. A antiga sociedade egípcia foi aquela que, por mais tempo, exerceu poder e influência na região, que logo foi pluralizada devido à constante atividade nômade e comerciante dessa zona estratégica de saída e de entrada de diversos produtos e ideias pelo mar Mediterrâneo.

Por meio da literatura israelo-judaíta e da arqueologia, sabe-se que foram comunidades que falavam uma língua judaíta¹⁴ da família afro-asiática (semítica), parente dialetal de muitas outras dessa região – ugarita, púnico, canaanita, aramaico, assírio etc. Utilizava-se para escrever, nesses tempos, uma forma variante de um alfabeto comum das redondezas, um alfabeto que grafava e representava sons guturais, consoantes e semivogais – este que foi base tanto para a criação do alfabeto grego, quanto latino, por exemplo. Entretanto, considera-se que a sua produção literária se deu através de elite letrada que era hóspede cativa em espaços privilegiados na Babilônia (séculos VI-IV A.E.C.) e na Pérsia (século IV-II A.E.C.). Escritos em alfabeto arameu, alguns desses textos são resultado de uma releitura de obras clássicas da cultura babilônica, assíria, acádia, suméria, egípcia e de outros povos – além de registros da oralidade comunitária, no quesito tradições poéticas, leis, costumes etc. Nesta breve reflexão não se aprofundará nenhuma dessas questões. A convivência em espaços de cultura babilônica, medo-persa e por certo uma relação mais próxima com egípcios, em tempos de outrora (séculos XII-IX A.E.C.), foi de grande valia para a riqueza dos textos israelo-judaítas – não é à toa, portanto, que são os principais povos não judeus de sua literatura.

O principal intuito desta reflexão, um ensaio, por assim dizer, foi de mostrar que cientificamente não há uma origem absoluta e clara hoje para os povos chamados Israel e Judá. É no âmbito das religiões bíblicas que se defende essa origem única e mais assertiva. Esse segundo fator, de mais peso, influencia o senso comum, que também passa a conceber que a única fonte verdadeira e histórica para se estudar o passado judaico se encontra nos textos canônicos da Bíblia.

¹³ Cf. “*Israel Stele*” em BUDGE, 1920; e a discussão geral sobre o verbete “*Merneptah Stele*” em en.wikipedia.org.

¹⁴ Cf. 2 Reis 18: 26 – “אֵל-תְּדַבֵּר עִמָּנוּ; הֲיִדְבִיר” (“e não fala conosco [na língua] judaíta”).

2 TÁCITO: HISTORIADOR E ETNÓGRAFO LATINO

Tácito foi um historiador, isto é, um pesquisador de documentos escritos oficiais e coletor de relatos de sua época, que produz, como resultado, uma obra escrita sob profissão de imparcialidade.¹⁵ Não se tem tanta informação sobre sua vida pessoal, mas se sabe que foi, no geral, de prestígio, isto é, foi um patrício dentro do Império Romano. Igualmente, sua data de nascimento e morte não são precisas: ora considera-se ter nascido em 55-56 E.C. na Úmbria, norte de Roma, ora na Gália Narbonense, sul da França (esta origem é a mais consensual); ora falecido entre os anos de 117-120 E.C., em lugar desconhecido, talvez poucos meses depois de ter escrito sua última obra conhecida, chamada *Anais*. Dizer que Tácito foi historiador é muito pouco, uma vez que essa ocupação não foi exatamente uma profissão, mas um momento de sua vida política. A carreira de Tácito começa nos tempos dos Flavianos, no início dos anos de 70 E.C., como tribuno; no final dessa década se casa com a filha do renomado general Agrícola, de origem gaulesa (justamente da Gália Narbonense) e conquistador da Britânia; após cerca de 10 anos, assumiu posto de questor e pretor; no início dos anos de 90 E.C., experienciou o governo da Gália Belga, mas logo retornou para Roma; ainda no final dessa década, foi cônsul; em honra ao seu sogro, escreve a *Vida de Agrícola*, em 98 E.C., e no ano seguinte escreve uma obra de etnografia sobre a *Germânia*; no início dos anos 100 E.C., Tácito é deposto de cargos importantes de Roma pelo imperador Trajano; vivenciando esse hiato político, Tácito escreve duas obras: *Diálogo dos Oradores*, em 102 E.C. e *Histórias*, em 105 E.C.; no início da década de 110 E.C. assume o posto de procônsul, ou, governador da Ásia, retornando a uma posição de prestígio em Roma; em finais dessa década escreve sua última obra conhecida, *Anais*, em 117 E.C.; poucos meses ou poucos anos depois, falece em local ainda desconhecido.¹⁶

Boa parte da coletânea de livros que provavelmente compunha suas duas maiores obras, *Histórias* e *Anais*, se encontra hoje perdida, uma vez que a proposta de cada uma dessas obras, em seus primeiros livros, não se completa ao final. Aqui, para o caso de *Histórias*, por exemplo, pelo andar da narrativa, Tácito pode ter escrito uma obra que abarcou toda a dinastia imperial dos Flavianos (de 70 a 96 E.C.), quiçá uma homenagem ao tempo em que considerou o mais digno de sua vida, além do principado de Nerva (de 96 a 98 E.C.) e dos anos do império de Trajano (de 98 a 117 E.C.).¹⁷

¹⁵ Uma imparcialidade meramente retórica.

¹⁶ Para uma revisão cronológica de eventos paralelos ver: *The Cambridge History of Judaism*, 1999, p. XXVII; e para Tácito cf. ANGELOZZI, 2003, p. 99-101 e LIMA, 2013, p. 104-118.

¹⁷ Essa autorreflexão de Tácito é feita por ele mesmo no Livro I, 1 de suas *Histórias*.

[...] *dignitatem nostram a Vespasiano inchoatam, a Tito auctam, a Domitiano longius provecam non abnuerim: sed incorruptam fidem professis neque amore quisquam et sine odio dicendus est. quod si vita suppeditet, principatum divi Nervae et imperium Traiani, uberiorem securioremque materiam, senectuti seposui, [...]* (*Histórias*, I, 1).¹⁸

Levando-se essa informação temporal em conta, Tácito começa suas *Histórias*, no Livro I, em suma, discorrendo sobre os incidentes que ocorreram em Roma, logo após o falecimento de Nero, imperador cuja fama foi construída negativamente, com alta influência de fontes estoicas legitimadas por historiadores, no século II E.C., incluindo Tácito, em seus *Anais*, e posteriormente por intelectuais cristãos do Império.¹⁹ Entre 68 e 69, quatro generais de província iniciaram uma acirrada e sangrenta disputa pela casa imperial. O primeiro a assumir esse posto foi o general Galba, que governava a Hispania Terraconense, cuja imagem construída por Tácito não é muito diferente da de Nero. Velho e alheio aos acontecimentos ao seu redor, era incompetente para governar, logo foi sucedido por Lucio Pisão, alguém de fora de sua família, como era a tradição de sucessões até então. Em revolta generalizada, ambos foram assassinados em 69. Diante da situação caótica, o general Oto, governador da Lusitânia, assume o poder. Não era muito diferente de Galba, e até pior do que Nero. Aliás, Oto mandou reerguer imagens de Nero em Roma. Em poucos meses de governo, suicidou-se, o que fez com que suas legiões perdessem para as foças do próximo candidato ao posto, o general Vitélio.

No Livro II, em suma, Tácito narra que Oto, antes de seu suicídio, havia colocado legiões em Bedríaco, norte da Itália, que serviria para conter os avanços das legiões de Vitélio que marchavam desde a Germânia Inferior. Nessa batalha, o governo de Oto é desmantelado e Vitélio assume o poder. O breve governo de Vitélio foi considerado por Tácito pior do que os dos demais. Ambiente de desordem, violência sem punição, descaso com as instituições fortes da época da República, como o Senado. O próprio Capitólio vai abaixo em chamas. A imagem sociopolítica de Vitélio talvez seja mais chocante que a de Nero: bebum, glutão, insensível, eloquência ausente, covarde. Ignorou diversos maus presságios, segundo o autor. Enquanto isso, as legiões romanas do oriente bradavam Vespasiano como imperador. Vespasiano é o herói construído por Tácito, um general respeitado, firme nas decisões e de boa fortuna (sorte). Uma

¹⁸ Segundo Tácito, em uma tradução livre, ele afirma que sua dignidade começou nos tempos de Vespasiano, cresceu no império de Tito e foi mais além nos tempos de Domiciano; depois complementa, no final do excerto, dizendo que deixará algo sobre o principado do divo Nerva e sobre o império de Trajano, isso, se a vida assim permitir, isto é, se chegar à velhice – parece que não foi o caso, talvez.

¹⁹ Para uma leitura sobre essa questão estoica e Nero, ver GUARINELLO, 1996.

força de legiões vindas da Síria, Judeia e do Egito se preparavam em nome de Vespasiano para trazer a ordem para Roma.

No Livro III, Tácito mostra que as legiões de Vitélio se posicionaram em Bedríaco, uma segunda vez, para conter as forças que marchavam em nome de Vespasiano. Essas forças vespasianas foram comandadas principalmente por Antônio Primo, enquanto as vitelianas comandadas por Cecina Alieno e Fábio Valente. As estratégias e a sorte de Primo foram superiores mediante a incompetência dos generais de Vitélio. As legiões vencedoras seguiram em marcha para Roma. Tácito constrói uma forte imagem de Roma, em mãos de Vitélio: depravação, ruas caóticas, incêndios, pessoas apáticas, o Capitólio em ruínas. Vitélio é capturado, despido, humilhado, linchado e morto.

No Livro IV, o historiador romano apresenta uma lenta retomada da ordem, com a participação do Senado, dos aliados de Vespasiano e da vontade do povo por melhores tempos. Aclamado imperador, agora, Vespasiano deixa sua posição no oriente e segue para Roma. Nesse capítulo, Tácito também introduz um evento ocorrido durante esse período conturbado: a revolta dos batavos, liderada por Júlio Civil. Apresenta também os filhos de Vespasiano: Tito e Domiciano; Tito tem sua imagem bem construída por Tácito, já o mesmo não ocorre com Domiciano.

O Livro V é aquele que interessa de fato aqui, em seus 13 primeiros capítulos. Os demais capítulos desse livro estão incompletos: do 14 ao 26, Tácito retoma a narrativa sobre a revolta dos batavos sob Júlio Civil. Já nesses 13 primeiros, Tácito apresenta a fortuna (sorte) de Tito, seu carisma, sua liderança e como presságios distantes de Roma foram favoráveis à nova dinastia de imperadores. Entretanto, na tese de Tácito, a Judeia, ou melhor, Jerusalém, era o principal desafio dos Flavianos: “*Ipsi Tito Roma et opes voluptatesque ante oculos; ac ni statim Hierosolyma conciderent, morari videbantur*” (*Hist.*, V, 11), ou seja, era de suma importância que Tito findasse a insubordinação dos judeus, pois a imagem de uma derrota mancharia a nova dinastia, e as glórias vislumbradas em Roma estariam definitivamente adiadas.

3 A PROVÍNCIA DA JUDEIA

Segundo Tácito, a Judeia era uma das diversas províncias romanas.²⁰ Cneu Pompeu, renomado político da era Republicana de Roma, foi o primeiro romano a conquistar o território e a entrar no seu templo maior (no final dos anos de 60 A.E.C.). Ali, os romanos constataram uma curiosa fama de ateus que tinham os judeus, uma vez que não havia nada dentro do templo, nenhuma imagem, ídolo, nenhum busto, todo aquele culto era um grande mistério aos romanos. Na ocasião, a cidade de Jerusalém era murada, e esses muros foram destruídos. Em pouco tempo houve uma grande guerra civil em Roma, e os Partos invadiram e conquistaram a Judeia, todavia, logo, Marco Antônio, renomado general, coordenou um contra-ataque que expulsou o rei parto chamado Pacoro de volta para mesopotâmia (no início dos anos de 40 A.E.C.). Os apoiadores dos persas na Judeia foram em seguida derrotados. Herodes é nomeado o rei dos judeus por Antônio e aceito pelo novo imperador de Roma, Otávio Augusto (no início dos anos de 20 A.E.C.). Após a morte de Herodes (já nos primeiros anos do século I E.C.), a Judeia foi governada por Quintílio Varo, governador da Síria, que ordenou a colocação dos filhos de Herodes no poder da província: Antípas, Arquelau e Filipe. Igualmente a província foi repartida em três partes respectivamente: Galileia, Jerusalém e Bataneia, cada um com sua respectiva região administrativa.

No governo do imperador Tibério (entre 14 e 37 E.C.), não houve, segundo Tácito, insurreições. Mas no seguinte, de Calígula (37-41), o imperador causou uma revolta na Judeia ao impor a colocação de seu busto dentro do templo em Jerusalém. Essa revolta armada só arrefeceu com a morte do imperador. Nos tempos do imperador Cláudio (41-54), a Judeia foi administrada por cavaleiros (prefeitos) ou libertos. Dentre eles Tácito destaca Antônio Félix, um liberto que foi administrador sem a menor competência, caprichoso e cruel, que só chegou ao posto por ser casado com Drusila, da casa imperial. A paciência do povo da Judeia, segundo Tácito, com esses administradores, chegou ao fim durante o mandato de Géssio Floro, na década dos anos de 60 E.C. Nessa época, os impostos coletados no templo de Jerusalém estavam sendo desviados para benefício político. Os judeus iniciaram uma rebelião, suspendendo o pagamento desses impostos. O contra-ataque romano começou com Céstio Galo, governador da Síria, em 66, mas foi derrotado em Beit-Horon, norte de Jerusalém, e segundo Tácito, deve

²⁰ A base narrativa está em *Histórias*, V, 9-10 – acrescentou-se informações como datas e outros detalhes históricos não informados por Tácito, como nomes de pessoas ligados à Judeia, e.g. nome dos filhos de Herodes. Para um trabalho mais aprofundado com esse recorte cf. LIMA, 2013.

ter morrido de desgosto – afinal, os romanos não tinham suas legiões derrotadas desde a revolta dos germanos²¹ (no início do século I E.C.).

Diante da insubordinação, Nero (54-68), imperador dessa época, ordena que Vespasiano substitua Galo. Segundo Tácito “*Vespasianus fortuna famaque et egregiis ministris intra duas aestates cuncta camporum omnisque praeter Hierosolyma urbis victore exercitu tenebat*” (*Hist.*, V, 10), ou seja, em pouco tempo, em dois verões, Vespasiano domina o território da Judeia, porque tinha fortuna (sorte), prestígio entre as legiões, bons generais e colaboradores, gana pela vitória, mas, entretanto, faltava justamente Jerusalém. Durante o ano de 69, aquele caótico, narrado nos quatro livros anteriores, a Judeia não foi incomodada, segundo Tácito, pois as legiões principais do oriente foram para Roma. Todavia, logo após a vitória dos Flavianos em Roma e a tomada de uma nova ordem imperial, Tito ficou encarregado de terminar o que Vespasiano começou no ano anterior. Nesse tempo, os judeus permaneceram em revolta, o que incomodou os romanos.

Segundo Tácito, Tito foi escolhido porque também tinha conquistado o respeito dos soldados, era visto como exemplar, tinha fortuna (sorte) e prestígio, falava bem, e não titubeava ao caminhar entre os soldados, sendo visto de fato como um líder.²² No início do ano de 70, três legiões se juntaram a Tito para a conquista de Jerusalém: a 5ª (Macedônica), a 10ª (Fretênsia), e a 15ª (Apolinária), cuja composição era de maioria de veteranos de Vespasiano. Também a legião 12ª (Fulminata), vinda da Síria, e as legiões 22ª (Deiotariana) e 3ª (Cirenaica), chegaram de Alexandria para a Judeia. Além das legiões mencionadas, aliados da região enviaram forças complementares de cavalaria, tropas de infantaria e uma boa quantidade de árabes – “*solito inter accolas odio infensa Iudaeis Arabum manus*” (*Hist.*, V, 1), isto é, vizinhos dos judeus e igualmente inimigos acirrados. Não só do oriente, mas forças da Itália e de Roma também vieram. Esperava-se com a vitória angariar muitos espólios e favores imperiais. Com toda essa armada a seu favor, pouco mais de 100 mil homens, Tito organizou o cerco contra a cidade de Jerusalém.

Diante da força das legiões somada aos aliados, de acordo com Tácito, os judeus utilizavam as muralhas da cidade, reconstruídas há alguns anos, para se abrigarem em caso desfavorável e, da mesma forma, avançarem contra os romanos, caso assim fosse favorável. Depois de luta acirrada, ao notarem a desvantagem, as forças judaicas se abrigaram dentro das muralhas. Os soldados ficavam impacientes com o tempo que os judeus permaneciam

²¹ Batalha da Floresta de Teutoburgo liderada por Armínio, contra as legiões de Públio Varo.

²² A base narrativa dessa segunda parte se encontra em *Histórias*, V, 1; 11-13. Mais uma vez, a proposta é apresentar a narrativa de Tácito, acrescentando algumas datas e poucos comentários mais analistas.

trancafiados dentro da cidade. Tácito menciona que Jerusalém era uma cidade alta, situada em um lugar elevado e de difícil acesso. As muralhas foram fortificadas juntas à inclinação dessa elevação natural, que, junto de duas colinas de grande altura, favorecia o revide defensor, uma vez que os atacantes permaneciam sempre expostos no pé dessas fortificações e inclinações naturais do terreno. Na fortificação das muralhas também haviam diversas torres, igualmente altas, que, de certo ângulo e distância, tudo parecia possuir a mesma altura. Tácito considerou essa uma visão maravilhosa (“*mira specie*” *Hist.*, V, 11). Na parte mais alta também se encontrava a torre Antonina, dos tempos de Herodes, obra igualmente digna de contemplação.

De acordo com Tácito, Jerusalém era uma cidadela fortificada com três anéis (muralhas). O grande templo da cidade ficava no anel interior, e, assim, ele também parecia uma fortaleza. No interior, havia estruturas para abastecimento de água corrente, além da presença de piscinas e cisternas para armazenar água de chuva. Para Tácito, os judeus tinham noção de suas diferenças morais e de costumes perante outros povos, e, já prevendo diversos conflitos que cairiam sobre eles, os construtores planejaram tudo para aguentar embates mais prolongados. Tácito acreditava que, depois da conquista romana com Pompeu, os judeus deixaram de ser descansados nas suas defesas e se aproveitaram, no caso, durante o governo do imperador Cláudio, para fortificar toda a cidade.²³ Durante o conflito com Tito, diversas pessoas de fora da Judeia também se refugiaram dentro das muralhas – provavelmente era tempo de preparação para Páscoa, além de refugiados de outras cidades dominadas, incluindo alguns fanáticos – o cerco começou por volta de abril de 70 e todo o empreendimento terminou em setembro, com a destruição do templo.

No momento do cerco, a cidade era comandada por três líderes: Simão, que chefiava a muralha exterior, a mais extensa; João, que comandava o núcleo urbano da cidade; e Eleazar, que guardava o anel interior e o templo maior. Encarcerados dentro das muralhas, os judeus entraram em conflito interno, e grande parte de seus suprimentos de trigo foram queimados. João traiu Eleazar fingindo ter vontade de oferecer um sacrifício, entrou no templo e matou todos. A cidade ficou rachada em duas lideranças, até que a necessidade de vencer os romanos os reuniu novamente. De acordo com Tácito, corria um prodígio supersticioso entre os mais fanáticos judeus, que nem com sacrifícios ou votos conseguiam aplacar; para o romano essa gente era contrária a todo tipo de rito religioso. Segundo diziam, no céu se via exércitos lutando, com armaduras reluzentes, e das nuvens um clarão de fogo repentino desceu. As portas do grande templo se abriram de repente e se ouviu uma voz de estrondo sobre-humana gritar

²³ Na visão de Tácito, o império de Cláudio foi negligente com a Judeia, uma vez que permitiu que se fortificassem em tempos de paz – tornando a província um refúgio para rebeldes do império.

“*excedere deos*” (*Hist.*, V, 13), ou seja, os deuses partiram, se afastaram – mostrando que as divindades conquistadas agora se dirigem ao panteão romano.

Segundo Tácito, a maioria dos judeus não deu a mínima para o prodígio. Essa maioria acreditava em suas escrituras antigas, estas que diziam, profetizando, que naquele dia, do Oriente, da Judeia, sairiam os dominadores do mundo. Para Tácito, esse texto “ambíguo” estava falando do futuro de Vespasiano e de Tito, entretanto, o populacho judaíta, dizia Tácito, claramente de cegos e inclinados à própria vontade, puxaram para seu lado a grandeza desse destino, e nem mesmo acontecimentos adversos a essa visão faziam eles recuarem. Os sitiados estavam entorno de 600 mil, incluindo homens e mulheres de todas as idades. Todos pegavam em armas. Mulheres e homens lutavam com mesma obstinação, pois temiam a vida afastados de sua terra muito mais do que a morte. Para enfrentar essa gente “fanática”, “supersticiosa” e “obstinada”, Tito não podia contar com um ataque rápido, e decidiu construir torres de assalto, fazer taludes e utilizar manteletes para os soldados. Não houve investida até que toda essa tecnologia estivesse preparada, desde as mais antigas até às mais novas – aqui Tácito finda as informações sobre a guerra; se haveria alguma continuação, não se sabe até o momento.

4 PANORAMA DO TERRITÓRIO DA JUDEIA

Ao apresentar a geografia, Tácito menciona que a província romana da Judeia fazia fronteira com a Arábia ao oriente, com o Egito ao sul, com os Fenícios e o mar ao ocidente, e ao norte com a grande província da Síria.²⁴ Fisicamente os judeus pareciam saudáveis, segundo o autor, e bem resistentes ao trabalho pesado. Chovia pouco na região, mas o solo era bem fértil. Diversos frutos conhecidos dos romanos também existiam na localidade, e bem típico dela eram os balsamos e as palmeiras. Palmeiras eram grandes e bonitas. O balsamo não, além de pequeno. Contudo, na região, se usava a seiva do balsamo como fármaco. Ao norte se encontrava a montanha mais elevada do território, chamada Líbano, um monte cujo cume estava sempre nevado, mesmo nas épocas mais quentes. Esse monte também era fonte perene para o rio Jordão, um rio que não desembocava no mar e possuía três lagos de tamanhos distintos no seu curso: um pequeno (Merom), um maior (Tiberíades) e um terceiro enorme com aspecto de mar (Morto). Tácito destacou que esse terceiro lago era demasiado salgado, fedorento, e nem o vento passava por ele; não existiam peixes e nem aves aquáticas; corpos sólidos flutuavam nessas águas, e mesmo os inábeis em natação não afundavam.

De acordo com Tácito, numa época do ano esse lago salgado expelia betume. Betume era um líquido escuro que misturado com vinagre se solidificava e flutuava; coletores puxavam esse líquido aos seus barcos com as mãos, que depois eram juntados e cortados em blocos com ferramentas de ferro ou bronze. Uma superstição contava que para repelir o betume se usava roupa suja com sangue de menstruação. Mas os mais antigos sabiam, segundo o romano, que era só arrastar as pedras flutuantes até a beira do lago. Aguardava-se então secar com o calor e depois cortavam-nos em blocos. Contava-se também que não muito longe desse lago salgado, há muito tempo, havia uma terra fértil e bastante povoada com cidades. Depois, um dia, essas cidades foram destruídas e queimadas por raios. Hoje, diz Tácito, essas terras são inférteis, de aparência de fato queimada, nada que o ser humano tenta fazer nelas prospera, tudo nela se torna como cinza. Na visão de Tácito:

Ego sicut inclitas quondam urbis igne caelesti flagrasse concesserim, ita halitu lacus infici terram, corrumpi superfusum spiritum, eoque fetus segetum et autumnus putrescere reor, solo caeloque iuxta gravi. (Hist., V, 7).

²⁴ A base narrativa se encontra em *Histórias*, V, 6-7.

Para o autor romano, o mais provável era que essas cidades antigas tenham tido suas terras infectadas pelo ar corrompido que emanava do lago salgado, assim terra e ar ficaram igualmente perniciosos – mas, também não descartou a opção de que tenha caído um fogo celestial sobre essas cidades. Por fim, um outro rio era importante na Judeia e ele desaguava no mar: o rio Belo (atual rio Naaman, em Israel). Da areia desse rio, mesclada com nitro, através de fundição, fabricava-se o vidro. Apesar de possuir uma pequena praia, essa areia peculiar parecia inesgotável.

5 A HISTÓRIA DOS JUDEUS E DA JUDEIA ANTES DOS ROMANOS

Logo no início de seu segundo capítulo, Tácito escreveu: “*Sed quoniam famosae urbis supremum diem tradituri sumus, congruens videtur primordia eius aperire*” (*Hist.*, V, 2), ou seja, o autor considerou coerente narrar as origens da famosa cidade que estava então com os seus dias contados.²⁵ Segundo o romano, autores²⁶ diziam que os judeus eram descendentes de fugitivos de Creta que logo se estabeleceram na Líbia, num período imemorial de conflitos entre Júpiter e Saturno. Derrotados, os devotos de Saturno fugiram da ilha. A prova dessa informação se escondia no nome dos judeus. Em Creta existe um monte chamado Ida (o maior da ilha), e no seu entorno viviam os Ideus, descendentes de Idas, um dos cinco irmãos dáctilos (ou curetes) que receberam o bebê Zeus das mãos de Reia – Idas, Epímedes, Hércules, Peoneu e Iásio. Para Tácito, os não gregos tinham o costume de sempre adicionar pelo menos uma letra em palavras gregas, assim os descendentes dos Ideus, longe de Creta, como bárbaros, passaram a se chamar de “Judeus” – *Idaeos* para *Iudaeos*.

Outros escritores²⁷, de acordo com Tácito, diziam que os judeus eram descendentes de egípcios. Nos tempos igualmente imemoriais do governo de Isis, o Egito estava extremamente povoado, então Judas e Jerusalemita (ou Hierosólino) guiaram esse excedente populacional para terras vizinhas. Já outros acreditavam que os judeus eram descendentes de etíopes (pessoas de face escura do oriente), que, odiados e perseguidos durante o reinado de Cefeu, pai de Andrômeda e marido de Cassiopeia, fugiram de suas casas – outra opinião decorrida em tempos mitológicos. Ainda, outros autores diziam que os judeus eram descendentes de nômades assírios que buscavam terras no Egito e se assentaram com cidades próprias cultivando as terras hebraicas (“*Hebraeasque terras*”)²⁸ e outras terras nas proximidades da Síria. Por sua vez,

²⁵ A base narrativa se encontra em *Histórias*, V, 2-3; 8. Mais uma vez, foram adicionadas algumas informações complementares.

²⁶ Refere-se às suas fontes, mas sem dizer nomes. Ficará evidente a sua predileção pela tradição etnográfica e filosófica grega sobre povos não gregos.

²⁷ Outra vez não menciona nomes. Tácito não fará menção a qualquer nome ou identificação de suas fontes, claramente oriundas da tradição greco-latina.

²⁸ Esse uso da palavra *Hebraeas* (no acusativo feminino plural) pelo autor é no mínimo curioso, já que só aparece nessa ocasião em toda a obra. Nesse caso, a palavra aparece sem fazer nenhum paralelo com os judeus. A relação dos judeus com os assírios é feita, mas, esse uso da palavra “hebraicas” é um tanto repentino. Não é que Tácito não pudesse conhecer a palavra no século II E.C. Na tradição literária grega, a região também podia ser chamada de “Palestina” (cf. Heródoto, *Histórias*, II, 104: 1-3) desde o século V A.E.C., contudo “hebraica” é um uso muito mais raro. Um dos usos mais antigos do mundo greco-latino se encontra em Estácio, poeta romano do século I E.C. (cf. Estácio, *Silvas*, V, 1: 208-214). Vale lembrar que “Judeia” é o nome da província, e na tradição grega Palestina era a região que fazia fronteira com a região dos sírios – pode-se dizer que a Judeia estava na região Palestina, dentro dessa tradição. Está claro que “Hebraica”, “Palestina” e “Síria” são regiões/terras diferentes dentro desse contexto – sim, é um tanto confuso. Dentro desse ponto de vista, os judeus serão considerados invasores dessas regiões, pois ou são de origem egípcia, ou assíria, ou etíope, ou dos sólimos (Anatólia).

existiam autores, segundo Tácito, que consideravam os judeus descendentes dos “gloriosos” sólimos de Homero, um povo feroz da Ásia menor e também presente em lendas cretenses, devotos de Ares – ver *Iliada*, VI e *Odisseia*, V. Esses descendentes fundaram uma cidade e chamaram-na de “*Hierosolyma*” (Jerusalém).

A opinião mais consensual entre os autores, de acordo com o romano, dizia que os judeus eram de fato descendentes de egípcios. Contava-se que o Egito estava passando por uma peste que desfigurava os corpos de uma multidão de pessoas. O rei Bócoris – Bakenrenef ou Wahkare, XXIV dinastia egípcia (finais do século VIII A.E.C.) – foi orientado por Ámon (Oráculo do oásis de Siwa) a expulsar do Egito os acometidos com a peste para só assim o país ficar limpo. Essas pessoas estavam desse jeito porque os seres divinos os odiavam. Expulsos para o deserto, esses indivíduos perdidos e errantes choravam, até que Moisés, um dentre os expulsos, admoestou-os, argumentando que não adiantava pedir nada, nem aos seres divinos, nem aos seres humanos, pois esses os tinham abandonado. Deviam confiar em si mesmos e nele, como um guia celestial (“*duce caelesti*” *Hist.*, V, 3) que os ajudou a resolver as primeiras dificuldades da jornada. Depois de vagar pelo deserto, a sede chegou e essa falta de água fez com que caíssem aos montes pelo solo. Quando menos se esperava, uma manada de asnos selvagens passou e Moisés os seguiu, encontrando um campo verde. Ao bater no solo constatou a existência de veios de água. Revigorados, os desterrados caminharam por mais seis dias pelo deserto. No sétimo dia, guerream e expulsaram nativos e se apossaram de suas terras, construindo depois uma cidade e um templo.²⁹

Segundo o autor latino, “*Magna pars Iudaeae vicis dispergitur, habent et oppida; Hierosolyma genti caput.*” (*Hist.*, V, 8), isto é, a Judeia era uma província com muitas aldeias bem dispersas, mas, também existiam nela algumas cidades densas. Jerusalém era a capital do povo judeu – já Cesareia era a cidade administrativa do Império. As moradias ficavam no primeiro e maior anel da cidade; no segundo anel ficava o palácio régio; e no anel interior ficava o templo, que foi construído com muita riqueza e somente sacerdotes entravam nele. Depois de dominarem as terras os judeus caíram nas mãos de assírios, medos e persas. Durante esse período foi o povo escravizado mais desprezado. Ao subjugar os judeus, o rei Antíoco da Macedônia tentou apagar a superstição judaica com a implantação de costumes gregos, para ver se esse povo horrível (“*taeterrimam gentem*”) melhorava. Esse empreendimento foi atrapalhado pela guerra contra o rei Ársaces, dos partos (século III A.E.C.). Durante esses conflitos, os judeus proclamaram reis próprios. Em constante instabilidade, esses reis

²⁹ A construção desse imaginário reforça os judeus como ateus, misantropos e bárbaros nessa cultura latina. Tácito retoma melhor essa ideia em seu capítulo 4 e 5, que serão observados no próximo capítulo da monografia.

governavam armados, com violência, com isso, muitos deixaram a Judeia. Nessa época, irmãos, casais e parentes se destruía. Antes da chegada dos romanos, na visão de Tácito, esses reis judeus, em seus habituais crimes, só alimentavam superstições fanáticas, uma vez que assumiam para si as honrarias sacerdotais, para se firmarem no poder.

6 OS COSTUMES E OS RITOS DOS JUDEUS

De acordo com Tácito, Moisés foi o legislador dos ritos e dos costumes judaicos.³⁰ Contudo, esses ritos eram considerados novos e contrários aos de todos os outros mortais. Não somente, mas, de acordo com o autor, aquilo considerado profano entre os judeus, era sagrado aos romanos, e vice-versa, e o permitido entre os judeus era ilícito aos romanos. Muitos acreditavam que no fundo de seu templo estava a estátua do animal que ajudou a matar a sede do povo no deserto – o asno, fato já desmentido pelo próprio Tácito. Segundo o romano, os judeus sacrificavam um carneiro para ofender o culto a Ámon; da mesma forma, sacrificavam um boi para afrontar o culto a Ápis. Os judeus não comiam carne de porco porque o animal simbolizava a impureza do corpo de seus antepassados infectados com sarna. Esse povo também fazia jejuns, certamente, segundo o latino, por causa do tempo de fome no deserto. O pão deles era sem levedura, em memória de um tempo em que precisavam roubar para comer. Uns diziam que os judeus tornavam o sétimo dia em dia de descanso, porque foi no sétimo dia que sua fatigante jornada pelo deserto findou. O gosto pela ociosidade levou os judeus a também dedicarem um sétimo ano inteiro ao descanso. Alguns acreditavam que os judeus honravam a Saturno porque mantinham o princípio dos costumes dos Ideus que foram expulsos de Creta; ou talvez, segundo o autor, porque Saturno fosse o mais elevado e poderoso dos sete astros que regem os destinos dos mortais, assim como se reverenciava o número sete por este número reger a órbita e a trajetória da maioria dos astros.³¹

Esse primeiro conjunto de ritos, de acordo com Tácito, são aceitos pelos romanos porque são antigos. Entretanto, existem costumes judaicos que Tácito não aceita: “*cetera instituta, sinistra foeda, pravitate valere*” (*Hist.*, V, 5), pois, os considera como pactos perversos e de valor torpe. Um deles é, para o autor, o tributo pago por judeus ao templo, além de oferendas e doações financeiras. O principal problema era que essas doações eram feitas por judeus que desprezavam os próprios costumes e foi por causa dessas doações que os judeus cresceram.³² Outro problema era que os judeus só eram leais, complacentes e misericordiosos para com os seus. Já para com os demais mortais, transpareciam um ódio hostil.³³ Os judeus não comiam com os outros e sempre dormiam em separado. Já os homens desse povo, que se lançavam à

³⁰ A base narrativa se encontra em *Histórias*, V, 4-5.

³¹ No entender de Tácito, parece que os judeus tinham algum tipo de resquício de respeito a Saturno, uma vez que desprezavam todos os outros seres divinos (corpos celestes personificados). Será que Tácito (ou outro autor) acreditou que entre os judeus também havia uma versão “bárbara-judaica” da saturnália?

³² Como se “ateus” fizessem doações para templos religiosos?

³³ Reforçando a imagem dos judeus como bárbaros.

luxúria, à devassidão, estranhamente evitavam relações com mulheres estrangeiras, contudo, com as mulheres judias, tudo era permitido.³⁴ De acordo com Tácito, os judeus faziam a prática da circuncisão genitália para se diferenciarem dos outros. Todos aqueles que passavam para a forma de vida judaica precisavam adotar esses mesmos costumes – ou seja, aqueles que se convertiam. A primeira coisa que diziam para um novo convertido era “*contemnere deos, exuere patriam, parentes liberos fratres vilia habere.*” (*Hist.*, V, 5), ou seja, despreze os seres divinos, renuncie a terra natal e desvalorize os pais, os filhos e os irmãos que não se converteram.³⁵

Outro costume “pervertido” dos judeus era ter muitos filhos, para assim aumentarem a sua população. Entre eles era crime matar filhos além da conta ou qualquer parente.³⁶ Os judeus acreditavam que as suas almas seriam imortais se morressem em nome de seus costumes, seja em batalha ou em martírio. Por isso, segundo o autor, prezavam pela procriação e desprezavam a morte. Os judeus ainda guardavam alguns costumes egípcios, como sepultar, ao invés de cremar os corpos e tinham a mesma crença no além, após a morte. Mas eram divergentes acerca da ideia de céu. Segundo Tácito, os egípcios cultuavam diversos animais e suas efígies esculpidas; já os judeus, diferentemente, “*Judaei mente sola unumque numen intellegunt*” (*Hist.*, V., 5), isto é, compreendiam um *nume* e só na mente.³⁷ Para os judeus, ímpio era todo aquele que esculpia imagem de seres divinos com forma humana com materiais perecíveis. Isso pois, eles acreditavam em uma coisa suprema, eterna e imperecível que não dava para imitar. Por causa disso, as cidades judaicas não possuíam imagens, nem nos seus templos. Por motivo semelhante, os judeus não faziam bustos de reis, nem de Césares – considerados divos e augustos pelos romanos.

De acordo com Tácito, por outro lado, havia quem acreditasse que o culto judaico era muito semelhante ao culto de pai Líber (Baco)³⁸, pois seus sacerdotes se adornavam com hera, entoavam cantos ao som de flautas e tambores, além do que foi encontrado uma videira dourada em seu templo. O problema, para Tácito, é que os cultos e cerimoniais oferecidos a Líber eram considerados alegres e festivos, enquanto os cultos judaicos eram absurdos e seus cerimoniais sórdidos.

³⁴ Versão judaica da saturnália?

³⁵ Tácito mostra de forma peculiar que os judeus praticavam um proselitismo ferrenho.

³⁶ Tácito se refere ao costume romano da “exposição da criança”, uma espécie de controle de natalidade familiar. A criança “extra” podia ser doada e deixada para ser pega como escrava. Em casos mais pesados, uma criança considerada incapaz para a vida, por alguma deformidade, podia ser “deixada” para o destino.

³⁷ Nessa complexa questão, pode-se considerar que os judeus não cultuam um ou mais seres da estirpe deus, mas, mentalmente, uma única emanção, um nume, ou força.

³⁸ Um dilema entre ser algo semelhante a uma saturnália ou a uma bacanália?

7 A CONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE

Ao construir sua narrativa, em *Histórias*, Tácito diz se comprometer com a imparcialidade (“*incompactam fidem professis*”). Contudo, está claro que Tácito não só demonstrou sua preferência documental, mas também deixou, decerto, sua própria opinião sobre os judeus e suas coisas. Mas o autor romano não fez isso sem metodologia. A temática etnográfica antiga greco-latina está presente em sua pesquisa sobre os judeus. Tais tópicos de interesse de pesquisa, em suma, eram: origem; nome; população; fisionomia; forma de vestimenta; alimentação; geografia; governo local; forma de guerrear; tecnologia de guerra; crença; ritos; relacionamentos particulares; hospitalidade; ritos funerais; superstições; retórica da alteridade (costumes em comparação); paradoxo geográfico; ditos proféticos ou de adivinhações. Nem todos esses tópicos de interesse foram utilizados por Tácito.³⁹

Uma coisa é inicialmente importante salientar: os judeus são, antes de mais nada, um povo bárbaro, para os romanos. Dentro dessa construção do outro, existem pelo menos dois fatores importantes: a) os judeus não são os romanos; e b) os judeus vivem numa província romana. Nesse primeiro ponto, os judeus são outro povo, com outro costume, entretanto, no segundo ponto, os judeus vivem em uma província de administração romana, portanto, fazem parte do Império. Tácito, como exemplo, demonstra o interesse administrativo pelas províncias imperiais, não apenas pela capital. Nesse paradoxo, os judeus também são parte de Roma, ao mesmo tempo que são bárbaros. Ser bárbaro implica em preconceito, mesmo que em algumas coisas o bárbaro possa ser digno de admiração ou respeito, pelo romano. Isso não é particular aos judeus. Também foi assim para com gregos, egípcios, partos, germanos e outros.

O principal tópico etnográfico que retoma esse paradoxo é a retórica da inversão e diferença ou retórica da alteridade – teoria apresentada pelo historiador francês François Hartog, nos anos de 1980.⁴⁰ Em suma, ao lidar comparativamente com a cultura do povo trabalhado na etnografia, nessa tradição greco-latina, o termo da comparação pode ser feito por “diferença” e/ou por “inversão”. No âmbito da *diferença*, o etnógrafo mostra claramente que existem dois povos diferentes, por exemplo, que um romano não é um judeu, e vice-versa, tanto que, o autor menciona sobre a possibilidade de “conversão” aos costumes e ritos judaicos e abandono da vida anterior: “*Transgressi in morem eorum idem usurpant.*” (*Hist.*, V, 5). Toda vez que Tácito separa claramente os judeus e suas coisas dos romanos, no caso, trata-se dessa *diferença*.

³⁹ Para uma leitura mais aprofundada cf. BLOCH, 1999, p. 45-47.

⁴⁰ Cf. HARTOG, 1999, p. 229-230.

Todavia, existe uma outra forma de realizar essa comparação, mas, em termos mais universais, como “seres humanos” ou “os mortais”. Nessa ótica, o etnógrafo toma o povo comparado e afirma que sua cultura, seus costumes, seus ritos e até mesmo sua terra é inversa, ou, contrária as de todos os outros seres humanos ou de todos os outros mortais.

Vide o exemplo nas *Histórias*, II, 35 de Heródoto (século V A.E.C.), quando o historiador grego fala sobre o Egito, etnograficamente, ao mencionar que o clima da terra deles é diferente, o rio é diferente e os costumes são contrários aos dos outros seres humanos. Essa pretensão universal, segundo essa teoria, nada mais esconde a particularidade cultural do autor, seja tomando por base universal a Grécia ou Roma, posteriormente. No caso, trata-se, então, da *inversão*. Outro exemplo importante se encontra no *Livro de Ester* 3: 8:

וַיֹּאמֶר הָמָן לְמֶלֶךְ אֲחַשְׁוֵרוּשׁ יִשְׁנֹו עַם־אֶחָד מִפְּזָר וּמִפָּרָד בֵּין הָעַמּוּם בְּכֹל מְדִינֹת מְלֻכּוֹתָא וְדָתֵיהֶם שְׁנוֹת מִכָּל־עַם וְאֶת־דָּתֵי הַמֶּלֶךְ אֵינָם עוֹשִׂים וְלִמְלֶךְ אֵין־שְׁוָה לְהַנִּיחָם:

Segundo a narrativa acima, Haman, um delator anti-judeu, denuncia para o rei persa a existência de um povo espalhado e separado dos demais povos que compõem as províncias do reinado. Esse povo, em particular, tem costumes e leis que divergem das de todos os outros povos (“וְדָתֵיהֶם שְׁנוֹת מִכָּל־עַם”); esse povo é rebelde e o rei persa deveria tomar partido dessa rebeldia e prescrever a destruição deles (*Ester* 3: 9). De fato, podia-se tomar dessa pretensa “diferença” ou “inversão”, no âmbito da cultura, das leis, dos costumes, para se fomentar o preconceito e o ódio infundado sobre esse outro, e não apenas admiração pelo diferente (esse não grego, romano ou persa). No caso de Tácito, destaca-se, por exemplo, a passagem em que deixa claro que os costumes instituídos por Moisés ao povo eram novos e contrários aos dos outros mortais: “*novos ritus contrariosque ceteris mortalibus indidit.*” (*Hist.*, V, 4), isto é, aos dos romanos ou gregos.

8 ROMANIZAÇÃO OU IMPERIALISMO ROMANO?

Até por volta de meados do século XX, a história romana era contada sob os moldes dos colonizadores europeus e de seus historiadores. O conceito de romanização, que basicamente implicava na substituição de uma cultura e sistema de governo por outro, era inteiramente baseado nessa ótica de um dominador sobre um dominado. Esse modelo partia da interpretação de suas próprias realidades e intentos colonizadores. Contudo, outros termos, geralmente relacionados comparativamente, eram necessários para que o conceito de “romanização” fosse aplicado: superior e inferior; melhor e pior; evoluído ou civilizado e bárbaro; erudito e rude; avançado e primitivo; e aculturação, quando uma cultura dita “ideal” substituía gradativamente uma outra dita “deplorável” – aqui, em nível de povos. Dentro dessa concepção mental eurocêntrica colonialista, era possível imaginar que um grupo considerado civilizado, evoluído e superior, termos de alta subjetividade, fosse capaz de extinguir processualmente a cultura de um outro grupo, que foi subjugado. Esse sistema precisaria de pesado empreendimento, na maior parte dos casos com agressividade e pena de morte aos considerados rebeldes, para que as verdades particulares do dominador se tornassem verdades universais entre os dominados.

Contudo, nas últimas décadas do século XX, outro conceito foi recolocado em questão historiográfica em detrimento do problemático termo anterior. Nesse caso, o conceito de “imperialismo”, que seguia sendo retrabalhado para melhor se adequar em diversas épocas. Mesmo que a palavra *imperialismo* também remeta aos tempos coloniais, o termo em si possui sua base no latim: *imperium*, mesmo que conceitualmente seja polissêmico. Diferente de “romanização”, “imperialismo” tem conotações mais genéricas, mais maleáveis e dinâmicas, mesmo que algumas características precisem ser atingidas: a) estabelecimento de um governo central com zonas administrativas menores; b) criação de força militar que trabalha para o governo central; c) política de expansionismo territorial; d) economia integralizada; e) aprendizado mútuo científico e cultural; f) sistema de aquisição de cidadania; f) que a capital do governo central seja cosmopolita. Esses seriam os principais fatores gerais que condicionariam um “império” e um sistema “imperialista”. Esse sistema também implica em tensões e negociações. A Judeia foi um caso interessante, nos tempos do Império Romano.⁴¹

A área oriental do Império já conhecia ou já estava sob domínio de forças macedônicas. Muitas estruturas e mesmo formas de vida influenciadas pelo helenismo já estavam

⁴¹ Para mais leitura sobre romanização e imperialismo ver, MENDES, 2007 e principalmente MATTINGLY, 2011. A argumentação sobre imperialismo segue a ótica de David Mattingly.

relativamente firmadas nos principais centros do Oriente Médio dessa época. Não somente isso, pois, eram povos que também guardavam muita riqueza intelectual, cultural, arquitetônica do mundo Anatólio, Mesopotâmico e Persa. Os principais intelectuais dessas regiões eram no mínimo bilíngues e igualmente capazes de escrever com mais de um alfabeto. O sistema de administração romano variava segundo o grau de negociação estabelecido na localidade anexada. A base de movimentação desse sistema estava conectada com as legiões estacionadas em províncias de estratégia econômica, defensiva e expansionista. O próprio termo *imperium*, indicava a ação de um general, um *imperator*, um cargo de suprema ordem, que depois foi tornado sinônimo de “César”, em homenagem ao general e político dos tempos republicanos Júlio César. Um império só existe, em princípio, porque sua política expansionista anexa novas culturas e territórios, chamando-os de província, que seria no geral governada por um homem de confiança do Império, seja ele um romano ou um cidadão romano.

A Judeia era uma província em posição estratégica para rotas comerciais por terra, com um porto voltado para o mar Mediterrâneo (*mare nostrum*). Era uma zona de viajantes, comerciantes e um lugar onde muitas culturas podiam se encontrar. O problema, para a administração romana, era que a Judeia de fato era instável politicamente. Os diversos proponentes indicados pelo Império para governar ou administrar a província nunca foram unanimidades. A casta hasmoneia, dos tempos macedônicos, nunca entrou de fato em acordo com os indicados pelo Império, como a casta herodiana, da Idumeia, sul da província. A cultura religiosa judaica também não era unida, pois, diversos movimentos disputavam por espaço no coração do povo local. Os mais conhecidos são os saduceus, mais próximos dos romanos, e os fariseus, mais próximos dos interesses locais; mas também havia os essênios, os sicários e os zelotes. Flávio Josefo, judeu, cidadão romano, historiador adotado pela família imperial dos Flavianos, é a fonte mais utilizada para essas informações, uma vez que produziu diversas obras sobre os judeus no século I E.C.

A negociação romana com os líderes da província se dava por meio de *evergetismo*.⁴² Essa estratégia propunha a escolha de um indivíduo local para manter a ordem e uma boa relação com Roma; além disso, era intuito nesse acordo manter as instituições culturais, materiais e imateriais, bem como políticas próprias, contanto que não prejudicassem a paz (*pax*) e a concórdia. Nesse sistema, os ricos da província eram os mais favorecidos, pois, tinham mais chance de se tornarem cidadãos romanos e, com isso, angariar favores para si mesmos. No caso da Judeia, diversas famílias foram desterradas para que suas propriedades passassem para as

⁴² Para mais detalhes cf. SILVA, 2010.

mãos de famílias mais ricas que trabalhariam a terra de forma mais alinhada aos interesses imperiais. Boa parte dessas famílias ricas eram da casta sacerdotal e das castas administrativas, e os demais, os desterrados, conformariam uma grande massa de pobres por toda a província. Nesse período, com esse crescimento da quantidade de pobres, também cresceram e se popularizaram ideologias entorno de um salvador.

A maioria dos judeus era pobre e não podia pagar regularmente os impostos cobrados no templo, em Jerusalém e, igualmente, muitos não eram capazes de manter uma total rigorosidade nas observâncias da vida religiosa. Muitos desses indivíduos se armaram para causar tumulto entre os romanos, particularmente os sicários e os zelotes (os “fanáticos”). Junto dessa tensão, os mais pobres esperavam por um rei de ordem divina, alguém para rivalizar e derrotar os romanos. Muitos foram os proponentes e muita lenda se criou entorno de alguns deles. Esses grupos eram chamados apocalípticos, aqueles que se apegavam a alguma “revelação dos céus”, por salvação. Diante de tanta instabilidade, a província, como mostra Tácito, foi administrada por governadores da Síria, o que ocasionou mais revolta e o conseqüente corte no pagamento de impostos no templo. No geral, esse sistema falhou na Judeia, as negociações nunca chegaram a um consenso e o Império, como narra Tácito, teve que intervir de forma violenta por todas as cidades e aldeias da província, uma intervenção que durou de 66 a 73, com focos de rebelião em outras províncias ao longo de todo o século I E.C.; até que, na primeira metade do século II, depois de acabarem com outra forte revolta judaica liderada por Simão Bar Kokhba, de cunho apocalíptico anti-romano, o Império encerrou de vez a província da Judeia, e em seu lugar instituiu a província Síria-Palestina – Josefo e Tácito não conheceram essa revolta; as principais fontes para ela são os escritos talmúdicos e algumas passagens em textos de escritores romanos e cristãos da época e de épocas posteriores.

9 JUDEU, JUDEIA, JERUSALÉM

Este último tópico do trabalho abordará brevemente os conceitos e significados por trás dos três nomes: Judeu, Judeia e Jerusalém, e assim comparar as prováveis concepções greco-latinas apresentadas por Tácito, com estudos contemporâneos de etimologia e história da língua hebraica em geral.

Não existe uma autobiografia feita por Tácito, mas, é possível acreditar que Vespasiano tenha sido algum tipo de “herói” na sua infância, um personagem icônico que deve ter marcado a sua vida. Os incidentes caóticos do Império, narrados em suas *Histórias*, aconteceram quando o mesmo tinha por volta de 15 anos. Vespasiano aparece, nessa época, como um tipo de salvador, cuja fortuna conspirava a seu favor, como alguém que heroicamente surge para consertar e revigorar todo aquele potencial esperado do Império. Não tem como não imaginar que alguém assim não fosse admirado ou se tornasse inspiração para os romanos mais jovens. Mais de 40 anos depois estaria Tácito prestando sua “homenagem” à família dos Flavianos em sua obra. Igualmente, o problema da Judeia deve ter sido notícia entre as famílias patrícias de Roma, nesse período conturbado. Quiçá um povo ou mesmo uma província superficialmente conhecida, por ter sido conquistada nos tempos da República, por Pompeu, e só anexada nos tempos de Cláudio. Pelo menos, no mínimo, uma província e povo cujo nome, entre 66 e 73, correu pelas ruas dos principais centros urbanos do Império. Que povo seria esse? Ou melhor, quem foram esses que barraram uma investida romana e os venceram depois de mais de 50 anos da última derrota de uma legião para um povo “bárbaro”? Por que esses “bárbaros” são tão rebeldes? E, ainda mais, esperava-se da nova família imperial uma vitória expressiva contra esses rebeldes lá do oriente. Como historiadores romanos construiriam a imagem dos Flavianos caso tivessem sofrido uma derrota em Jerusalém? Isso seria difícil de acontecer, e, outrossim, difícil de imaginar as consequências caso acontecesse.

O nome latino para “judeu” era, no caso nominativo singular: *iudaeus* (m), *iudaea* (f) e *iudaeum* (n), com destaque para o acusativo plural “*iudaeos*” (m), que deu no plural “judeus” e “*iudaeas*” (f), que deu em “judias”. O nome em português deriva do latim, que, por sua vez, veio da grafia grega, no nominativo singular: ὁ ἰουδαῖος (m), ἡ ἰουδαία (f), e, por exemplo, no acusativo plural: τοὺς ἰουδαίους (m), τὰς ἰουδαίας (f). A escrita grega vem da israelo-judaíta, a partir desse contato entre culturas nos tempos de dominação macedônica. O nome “Reino de Judá” também aparece em inscrições em escrita cuneiforme, nos tempos do rei Tiglat-Pileser III do Império Neoassírio (segunda metade do século VIII A.E.C.). Judeu ou judaíta, portanto,

era o nome daquele que nascia ou era descendente, ou, convertido aos costumes estabelecidos no Reino de Judá (ou *Iudaea*, Judeia, posteriormente, como província babilônica, persa, grega e romana). Nos estudos de etimologia, “Judá” vem da raiz ⁴³[יָדָה], cuja rota de significações mais consensual forma palavras como תודה⁴⁴, הודיה⁴⁵, הודות⁴⁶, e especialmente o verbo להודות⁴⁷. No sentido mais arcaico, coletado dos ugaritas, um povo litorâneo, influente e cosmopolita da região Síria, entre 1600 e 1200 A.E.C., pode-se supor: “confessar o erro com louvor” ou “dar início a um louvor ou agradecimento”.⁴⁸ Nos textos israelo-judaítas, a palavra aparece como um nome masculino, em *Gênesis* 29: 35:

וַתֵּהֶר עוֹד וַתֵּלֶד בֶּן וַתֹּאמֶר הַפֶּעַם אֹדְיָה אֶת־יְהוָה עַל־כֵּן קָרָאתָ שְׁמוֹ יְהוּדָה וַתַּעֲמֹד מִלְּדָתָּ:

Na ocasião, a mãe dá agradecimentos a *Yhwh* (“אֹדְיָה אֶת־יְהוָה”), e assim nomeia o menino de “Judá” (“שְׁמוֹ יְהוּדָה”), no caso, um dos doze filhos da personagem Jacó, ou, Israel, patriarca da tribo. Nos tempos de Tácito, esse conhecimento era “oculto” aos gregos e latinos. Era de difícil acesso e, dificilmente um romano nas condições de Tácito iria procurar por textos judaicos – lembrando que, desde o século I E.C., as obras de Josefo estavam nos arquivos de Roma. Covenientemente, no século II E.C., Tácito deve ter buscado informações sobre o nome “*Iudaeus*” em documentações oficiais escritas em grego ou latim, e, claro, com nomes de autores mais familiares e atrelados à cultura grega, macedônica e romana, como seria mais comum na tradição local. Como resultado de sua pesquisa, Tácito considerou que a melhor opção para a origem do nome em questão era dizer que ele derivaria do povo mitológico que habitava nas proximidades do Monte Ida, em Creta, os Ideus, descendentes de Ida, como já foi apresentado. Outra opção, para não deixar somente uma única, foi atrelar o nome a algum personagem egípcio, curiosamente chamado “*Iuda*” – quiçá sua fonte tenha sido algum trabalho do historiador egípcio Mâneto (século III A.E.C.), ainda acessível na íntegra, em sua época, ou mesmo de Hecateu de Abdera (século IV A.E.C.) – ambos escreveram uma “*História Egípcia*”, em grego.

O nome latino para Jerusalém era “*Hierosolyma*”, que veio do grego “Ἱεροσόλυμα”. A relação entre a forma grega e a judaíta ירושלם⁴⁹, soa bem mais hipotética e menos consensual.

⁴³ YDH

⁴⁴ Lê-se “*tódáh*”, uma expressão de agradecimento.

⁴⁵ Lê-se “*hódáyah*”, uma ação de agradecimento e reverência; também um nome próprio.

⁴⁶ Lê-se “*hódót*”, algo como revelar graças a alguém ou a alguma coisa.

⁴⁷ Lê-se “*l·hódót*”, trata-se do verbo “agradecer”, “admitir”, “reconhecer”.

⁴⁸ Cf. HALAYQA, 2008, p. 361.

⁴⁹ Lê-se “*Yerusálém*”.

Quiçá, na época em que essa palavra passou para a escrita grega (por volta do século III-II A.E.C.), se pronunciasse algo como *i.ê.rô.šo.li.ma*. Em escritos cuneiformes dos tempos de Senaqueribe, na época rei do Império Neoassírio (primeira metade do século VII A.E.C.), a palavra é transliterada como *ur-sa-li-im-ma(mu)*.⁵⁰ Outrossim, a sua etimologia não é tão consensual também. Entretanto, a maioria dos especialistas acredita que se trata de uma palavra composta por, pelo menos, duas raízes: uma delas é ⁵¹[שלם] – relacionado foneticamente à “-sólyma” e a outra pode ser ⁵²[ירה] – associado à “Hiero-”. Ambas as raízes possuem vários sentidos nas línguas semíticas. Nessa hipótese, leva-se em conta que essa palavra tem sua formação na região canaanita (ou sírio-arábica). Mais uma vez, recorrendo à línguaugarita, tem-se em [שלם]: 1. Fazer bem, estar bem, manter-se em boas condições; 2. Pagar, dar pagamento, realizar, completar, dar a alguém o que lhe é devido; 3. Concórdia, paz, bem-estar, saúde; 4. Oferenda de concórdia, oferenda comunitária, oferenda de salvação; 5. Puro, pleno, completo, intacto, não tocado, não dividido; 6. Retaliação, vingança. Na escrita cuneiforme assíria, ainda constam diversos sentidos para *šalāmu* ou *salīmu*, dos quais não são tão diferentes desses da línguaugarita. Vale a pena ressaltar que *Šlm* era um teônimo da região, ou seja, um nome cultuado e venerado, no caso, como um ídolo crepuscular.⁵³

Com relação a [ירה], nougarita existem duas acepções: 1. Chuva antecipada do final de outubro e início de dezembro; 2. Lançar, disparar flechas, jogar, atirar. Na língua aramaica ainda se acrescenta o sentido de “ensinar” e “instruir” a essa raiz.⁵⁴ No geral, supõe-se que o nome “Jerusalém” seja um lugar, em princípio, dedicado ao teônimo *Šlm*. Com o tempo, principalmente com o domínio judaíta, esse sentido deve ter sido ressignificado, retirando da raiz [שלם], principalmente, essa associação com a personagem divina da cultura anterior. No caso de Tácito, como já foi apresentado, ele buscaria as informações sobre *Hierosolyma* na tradição grega, afinal, o nome soa bem grego. A primeira opção remete a um líder egípcio chamado *Hierosolymo*, que, junto de *Iuda*, guiaram uma multidão para as redondezas do Egito. A outra opção está relacionada com o povo devoto de Ares que é cantado por Homero, os sólimos. Tácito conclui que os judeus devem ser descendentes dos sólimos, já que homenagearam seus antepassados nomeando a capital de *Hierosolyma*.

Vale a pena uma incisão neste tópico, para acrescentar um comentário de Josefo que se encontra em seu *Contra Ápion I* (finais do século I E.C.). Josefo faz uma referência ao

⁵⁰ Disponível em: http://oracc.museum.upenn.edu/rinap/corpus/#Q003460_project-en.20. Acesso em: 13 jul. 2023.

⁵¹ *ŠLM* ou *SLM*

⁵² *YRH*

⁵³ Cf. HALAYQA, 2008, p. 323-325.

⁵⁴ Cf. *Ibid.*, p. 368.

historiador egípcio Lisímaco (século II-I A.E.C.) que também escreveu uma “*História Egípcia*”, e tenta buscar o significado do nome da capital judaíta a partir do próprio nome em grego. Segundo esse autor, nos registros de Josefo, após os judeus terminarem sua jornada errante no deserto, depois de seis dias, no sétimo, eles massacraram os povos nativos, despojaram as coisas sagradas deles, destruíram seus templos e depois eles, os judeus, fundaram sua cidade com o nome *Hierosyla* (“Ἱερόσυλα”), isto é, “cidade das pessoas que pilham templos”, ou “cidade das pessoas sacrílegas”. Continua Lisímaco, segundo Josefo, dizendo que, após se tornarem mais fortes, mudaram o nome da cidade para *Hierosolyma*, para esconder esse passado vergonhoso. Nesse hiato etimológico (de uma etimologia popular), é provável que Tácito tenha ele mesmo criado essa relação da capital judaica com os sólimos (Σόλυμοι) de Homero, chamando assim de “a cidade dos sagrados sólimos”. Aliás, sobre o mistério das fontes de Tácito, é provável que, acerca da história judaica no Egito, nos ditos tempos do rei Bócoris, Lisímaco tenha sido a sua principal referência, pois também narrou essa mesma história, segundo consta na obra de Josefo.⁵⁵

⁵⁵ Cf. JOSEFO, *Contra Ápion*, I, 304-311.

CONCLUSÃO

O intuito maior deste trabalho, no âmbito da Cultura Hebraica, foi mostrar que informações nós teríamos hoje, contemporaneamente, partindo da premissa de que só chegariam até o presente momento fontes gregas e latinas a respeito de um povo chamado judeu, que habitava uma província romana chamada Judeia; no caso, essa fonte principal seria as *Histórias* de Tácito, em seu Livro V, 1-13 (século II E.C.). A partir do interesse teórico-metodológico da história dos conceitos, buscou-se responder ao questionamento: o que será que Tácito entendia por “judeu”, por “Judeia”, ou por “Jerusalém”? Para desenvolver esse questionamento, o trabalho foi dividido em nove tópicos.

Nessa primeira parte intitulada “*Reflexão acerca das origens dos judeus na Antiguidade*”, buscou-se mostrar que existem muitas incógnitas na história do antigo Israel e Judá. Entre os devotos dos textos bíblicos (acadêmicos ou não), existe uma certeza pouco cabível na essência da ciência histórica (crítica de fontes e certo ceticismo). A história antiga de Israel é um quebra-cabeça e nele ainda faltam muitas peças. No segundo tópico “*Tácito: historiador e etnógrafo latino*”, apresentou-se o pouco que se conhece sobre a vida de Tácito e como o autor dividiu a sua obra *Histórias* – trabalho esse que nos chegou de forma incompleta. Foi mostrado, com isso, o interesse de Tácito em construir uma imagem positiva da casa imperial dos Flavianos, que venceu a disputa pelo trono de Roma e ainda derrotou os judeus em Jerusalém, em 70 E.C.

No terceiro tópico “*A província da Judeia*”, apresentou-se: o relato de Tácito sobre a província, conquistada por Pompeu, nos tempos da República, e anexada por Cláudio, nos tempos imperiais; sobre a revolta judaica; e sobre a preparação para o cerco da cidade de Jerusalém e os prodígios que aconteceram no templo, segundo ele, em favor dos Flavianos. No quarto tópico “*Panorama do território da Judeia*”, mostrou-se como Tácito descreveu a geografia da província, destacando rios, lagos, mares internos, a fisionomia do povo, dito apto para o trabalho pesado, assim como um pouco da sua economia na produção de betume e vidro, além de lendas locais, como no caso das cidades destruídas por raios celestiais (uma menção particular a Sodoma e Gomorra, sem se referir a esses nomes). No quinto tópico “*A história dos judeus e da Judeia antes dos romanos*”, mostrou-se como Tácito construiu, segundo suas fontes greco-latinas, as origens dos judeus, uma proposta etimológica para seu nome e para o nome de sua capital “Hierosolyma”; apresentou algumas origens para o povo, principalmente associados a um passado no Egito, como descendentes de pessoas com sarnas, expulsas para o deserto,

posteriormente guiadas por Moisés, seu legislador; igualmente apresentou seu lamento pelo fato de os macedônios não terem conseguido extirpar os costumes supersticiosos judaicos em prol de uma cultura helênica.

No sexto tópico “*Os costumes e os ritos dos judeus*”, apresentou-se a forma como Tácito narrou sobre os ritos e costumes judaicos, entregues por Moisés; aqui ficou claro que para Tácito, ou, para essa tradição etnográfica, existem leis e costumes que podem ser aceitos, pois são legitimados pela sua antiguidade. Contudo, existem outros, mais pragmáticos, que não são, como negligenciar a própria religião (costume comunitário), enriquecer a província com doações sem nem participar dos ritos, ser fanático pelo próprio costume e rejeitar o convívio social, dentre outros. Em suma, na ótica de Tácito, os costumes judaicos e seus ritos são supersticiosos, absurdos e sórdidos – afinal, para o autor, os judeus eram um povo bárbaro da pior espécie. No sétimo tópico “*A construção da alteridade*”, foi trazida uma breve discussão sobre a forma e o interesse de um trabalho histórico-etnográfico nessa tradição antiga, de influência grega, com destaque para a retórica da alteridade (diferença e inversão), segundo Hartog.

No oitavo tópico “*Romanização ou Imperialismo Romano?*”, trabalhou-se, sumariamente, as principais discussões sobre o problema do conceito de romanização, historicamente atrelado aos preconceitos instaurados na mentalidade dos tempos coloniais, e a importância do conceito de imperialismo, mais dinâmico e polissêmico, para a construção historiográfica sobre o povo romano. Além disso, discutiu-se o problema do evergetismo, uma forma de negociação, na relação entre o Império e a província, que, no caso, não vingou na Judeia e a região se tornou um problema administrativo para os romanos. No nono e último tópico, por fim, “*Judeu, Judeia, Jerusalém*”, investigou-se aquilo que Tácito poderia compreender dos nomes judeu, Judeia e Jerusalém, a partir de sua cultura e prováveis fontes, e esses dados foram comparados com estudos etimológicos de língua semítica, relacionados com a história da formação de palavras da língua hebraica.

Conclui-se, portanto, que Tácito recorreu à tradição grega, principalmente fontes de autores (ou de suas cópias) que podem ter circulado entre os séculos V e I A.E.C., pois, poderia ser uma época que para o autor já deveria ser considerada de referências da “antiguidade”, por assim dizer, de tempos de outrora, já que seu próprio tempo era considerado o “contemporâneo”. Com isso, construiu uma imagem típica de um povo bárbaro que, particularmente, deu muito trabalho à administração romana. Mostrou, igualmente, que esse povo era curiosamente ateu, ou, muito próximo disso, não só por acreditar em um nume e não ter qualquer busto, imagem ou ídolo em suas cidades e no templo, mas também porque desprezavam os outros povos e seus

deuses em detrimento do fanatismo por suas crenças supersticiosas, temendo muito mais viver sem esses costumes, do que morrer lutando por eles. Da mesma forma, em sua história mais remota, de tempos imemoriais, mostra que os seres divinos abandonaram seus antepassados, atribuindo sobre eles os maiores infortúnios. Seu legislador, Moisés, os instigou a não mais clamar por qualquer ser divino, e sim confiarem só em si mesmos. Ao conquistar suas terras, eles arrasaram as culturas locais, seus templos e ídolos.

Por mais que se acreditasse que fosse um povo devoto de Saturno, por causa do descanso do sétimo dia, ou de Baco, por causa das danças sacerdotais, ou dos sólimos, por causa do nome da sua capital “Hierosolyma”, ou de asnos, porque ajudaram o povo a matar a sede no deserto, esse grupo religioso tinha um templo vazio de efígie, cultuava um nume mentalmente e orientava os convertidos a odiarem os deuses, a sua terra de origem e toda a sua família não convertida. Todavia, era um povo que conhecia bem o seu terreno, era um povo obstinado na batalha, tanto homens quanto mulheres, com uma cidade preparada para um conflito de longo prazo. Mas, no final, foram derrotados, massacrados, seu templo foi destruído, muitos capturados como escravos, e, posteriormente, sua cidade e província foram encerradas pela administração romana do século II E.C.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corpus documental

TÁCITO. *Historiarvm Libri [Libros de las Historias]*. Traducción de Joaquín Soler Franco. Zaragoza: Institución ‘Fernando el Católico’ (CSIC), 2015.

TACITO. Las Historias. In: COLOMA, Don Carlos. *Las Historias de Cayo Cornelio Tacito* (traducidas al castellano acompañada del texto latino). 2. ed. Madrid: Imprenta Real, 1794.

TACITUS. *Historiarum*. In: GODLEY, A. D. *The Histories of Tacitus – Books III, IV, and V*. London: Macmillan, 1890. 296 f. (Latin version).

TACITUS. The Histories. In: FYFE, W. Hamilton. *Tacitus: The Histories – In two volumes: translated with introduction and notes*. London: Oxford, 1912. 2 v. 245 f. (volume II – Books III-V).

TACITUS. The Histories. In: RAMSAY, George Gilbert. *The Histories of Tacitus: an English translation*. London: John Murray, 1915.

Corpus documental complementar

BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. 5. ed. K. Elliger; W. Rudolph (ed.). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BIBLIA SACRA Iuxta Vulgatam Versionem. R. Gryson (ed.). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.

DEUTSCHE BIBEL GESELLSCHAFT (BHS, LXX, Vulgata). Disponível em: <https://www.academic-bible.com/en/online-bibles/about-the-online-bibles/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

ESTACIO, Publio Papino. *Silvas*. Traducción y notas de Francisco Torrent Rodriguez. Madrid: Editorial Gredos S.A., 2002.

HEBREW-BIBLE OT. Disponível em: <http://www.qbible.com/hebrew-old-testament/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

HERÓDOTO. *Histórias II (Euterpe)*. Tradução de Maria Aparecida de O. Silva. São Paulo: Edipro, 2016 [original: século V A.E.C.].

HOLLADAY, C. R. *Fragments from Hellenistic Jewish authors: Historians (I)*. Chico, California: Scholars Press, 1983.

JOSEFO, Flavio. *Autobiografia. Contra Apión*. Trad. Margarita de Sepúlveda. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1994.

JOSEPHI, Flavii. *Opera. Graece et Latine – recognovit Guilelmus Dindorfius*. Paris: Editore Ambrosio Firmin Didot, 1865. (Volumes I e II).

MANETHO. Works. In: WADDELL, W. G. *Manetho*, with an English translation (The Loeb Classical Library). Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1964 [original: século III A.E.C.].

NEO-ASSYRIAN CUNEIFORM CORPUS. Disponível em: <http://oracc.museum.upenn.edu/rinap/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

SEPTUAGINTA (Duo volumina in uno). A. Rahlfs (ed.). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

STERN, Menahem. *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism* (I-III). Jerusalem: The Israel Academy of Sciences and Humanities, 1976; 1980; 1984.

Referências Teórico-metodológicas

BARROS, José D'Assunção. Koselleck, a história dos conceitos e as temporalidades. *Araucaria: Revista Iberoamericana de Filosofia, Política y Humanidades*, año 18, n. 35, p. 41-43, 2016.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Império e Imperialismo, realidades antigas e conceitos contemporâneos. In: FELDMAN, S. A.; CAMPOS, A. P.; SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (org.). *Os impérios e suas matrizes políticas e culturais*. 1. ed. Vitória; Paris: Flor & Cultura; Université de Paris-Est, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006 [1. Ed.: 1979].

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

LORAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. Tradução de Maria Lúcia Machado. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

MATTINGLY, D. J. *Imperialism, power, and identity*. Experiencing the Roman Empire. Princeton: Princeton University Press, 2011.

MENDES, Norma Musco. Império e Romanização: “estratégias”, dominação e colapso. *Brathair 7 (1)*, p. 25-48, 2007.

SILVA, Rosana Martins dos Santos. O fracasso do evergetismo romano na Judeia. *WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 2, n. 1, jan./jun. 2010.

Referências gerais sobre Tácito e Roma

BLOCH, René. Geography without Territory: Tacitus' Digression on the Jews and its Ethnographic Context. In: INTERNATIONALES JOSEPHUS-KOLLOQUIUM AARHUS, 1999. Münsteraner Judaistische Studien 5, p. 38-54., 2000.

BLOCH, René. Tacitus' Excursus on the Jews through the Ages: An Overview of its Reception History. In: ASH, Rhiannon (ed.). *Tacitus*. Oxford: University Press, 2012.

CALDERONE, S. Superstitio, *Recht, Religion, Sprache und Literatur (bis zum Ende des 2. Jahrhunderts v. Chr.)* 2, p. 377-396, 1972.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Nero, o estoicismo e a historiografia romana. *Boletim do CPA*, Campinas, n. 1, p. 53-61, jan./jun. 1996.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Ordem, Integração e Fronteiras no Império Romano: um ensaio. *Mare Nostrum*, v. 1, p. 113-127, 2010.

HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999 [1. Ed.: 1980].

JOLY, Fábio Duarte. Tácito e o Império Romano. *Revista de História*, p. 69-78, 2010.

LIMA, Jônatas Ferreira de. *Jerusalém: a última fronteira no oriente – a conquista da Judeia (70 E.C.) nas Histórias (Livro V) de Tácito*. 2013. 290 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, 2013.

MARQUES, Juliana Bastos. Estruturas narrativas nas Histórias de Tácito. *PHOÏNIX*, Rio de Janeiro, 15-1, p. 76-90, 2009.

MARTIN, Ronald H. *Tacitus*. London: Batsford, 1981.

SYME, Ronald. *Tacitus*. Oxford: Oxford University Press, 1967.

VELOSO, Maria Caroline. O “governante do mundo” Oriental: Josefo, Tácito e Suetônio sobre um Oráculo Popular (Ensaio). In: *UFOP: IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos / XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC*, 5-10 ago. 2001.

Referências gerais sobre Israel e Judá

ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. *A Águia e a Cruz: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C.* 2003. 222 f. Dissertação – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2003.

BLECH, Benjamin. *O mais completo guia sobre Judaísmo*. São Paulo: Sefer, 2004.

CHEVITARESE, André Leonardo. Fronteiras culturais no mediterrâneo antigo: gregos e judeus nos períodos arcaico, clássico e helenístico. *POLITEIA: História e Sociedade, Vitória da Conquista*, v. 4, n. 1, p. 69-82, 2004.

CHWARTS, Suzana. *Via Maris: textos e contexto da Bíblia Hebraica*. São Paulo: Humanitas, 2014.

COMAY, Joan. *Quem é quem no antigo testamento*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

COMBY, J.; LÉMONON, J-P. *Roma em face de Jerusalém: Visão de autores gregos e latinos*. São Paulo: Paulus, 1987.

COSTA JR. Jorwan G. da. O Posicionamento Farisaico e Essênio frente ao Domínio Romano na Judeia. *Mare Nostrum*, n. 2, 2011.

DAVIES, W. D.; HORBURY, W.; STURDY, J. (org.). *The Cambridge History of Judaism: volume three – The Early Roman Period*. Cambridge: University Press, 1999.

DEGAN, Alex. Josefo, História e Memória do judaísmo. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS – LASA, *Anais...* Rio de Janeiro, 11-14 jun. 2009.

DOBROUKA, Vicente. O papel da apocalíptica como elemento explicativo na Guerra dos Judeus. In: *UFOP: IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos / XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC, Anais...* 5-10 ago. 2001.

EPSTEIN, Isidore. *Breve História do Judaísmo*. São Paulo: Sefer, 2009.

FELDMAN, Sérgio A. De *civis romanii a nefariam sectan*: a posição jurídica da minoria judaica no *Codex Theodosianus* (séc. IV e V). *Revista do SBPH*, Curitiba, n. 21, p. 7-16, 2001.

FERREIRA, Jerusa Pires. O judeu errante: a materialidade da lenda. *Revista Olhar*, a. 2, n. 3, jun. 2000.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.

GOODMAN, Martin. Judaea. In: BOWMAN, A.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D. *The Cambridge Ancient History – volume XI: The High Empire, A.D. 70 – 192*. Cambridge: University Press, 2007.

HALPERN-ZILBERSTEIN, Marie-Christine. The archeology of Hellenistic Palestine. In: DAVIES, W. D.; FINKELSTEIN, Louis. (org.). *The Cambridge History of Judaism: volume two – The Hellenistic Age*. Cambridge: University Press, 2007.

HERZOG, Chaim; GICHON, Mordechai. *Batalhas da Bíblia*. Tradução de Diane Rosa R. de Oliveira. Niterói: BV Films Editora Ltda., 2009.

LATIMER, Elizabeth Wormeley. *Judea: from Cyrus to Titus – 537 B.C. – 70 A.D.* Chicago: A.C. McClurg and Company, 1899.

LIMA, Junio Cesar Rodrigues. Entre Roma e Jerusalém: tolerância e intolerância religiosa entre judeus e romanos na Bitínia do século II d.C. *Gaia*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 72-99, 2011.

LOBIANCO, Luís Eduardo. *O Outono da Judéia (séculos I a.C. – I d.C.): resistência e guerras judaicas sob o domínio romano – Flávio Josefo e sua narrativa*. 1999. 209 f. Dissertação – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 1999.

MAZZINGHI, Luca. *História de Israel: das origens ao período romano*. Tradução de Renato A. Pezenti. Petrópolis: Vozes, 2017.

MONTE, Marcel Paiva. Os essênios na obra de Flávio Josefo: algumas considerações, sob a perspectiva da utopia. *Revista Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia*, n. 2, p. 90-111, dez. 2009.

PORTO, Vagner Carvalheiro. *Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana (séc. II a.C. e séc. II d.C.)*. 2007. 262 f. Tese (Tomo I) – Faculdade de Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2007. – Tomo II (379 f.).

ROCHA, Ivan Esperança. Dominadores e dominados na Palestina do século I. *História*, São Paulo, n. 23, 2004.

SAND, Shlomo. *A invenção do povo Judeu: da Bíblia ao sionismo*. São Paulo: Benvirá, 2011.

SELVATICI, Monica. A recriação da identidade judaica na cidade de Alexandria no século I d.C. *ORACULA 4.8*, 2008.

SILVA, Airton José da. *Quem são os Judeus?* Falam Autores Gregos do Século IV a.C. ao Século I d.C. Ayrton's Biblical Page, 2002. Disponível em: <https://airtonjo.com/site1/artigos.htm>. Acesso em: 13 jul. 2023.

WOLPO, Shalom Dov. *Conceitos Judaicos*. São Paulo: Lubavitch, 2010.

Dicionários e língua

BLACK, Jeremy; GEORGE, Andrew; POSTGATE, Nicholas (ed.). *A Concise Dictionary of Akkadian*. 2. ed. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2000.

BROWN, F. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament; with an appendix containing the biblical Aramaic*. Oxford: Clarendon Press, 1939 [original: 1906].

BUDGE, E. A. W. *An Egyptian Hieroglyphic Dictionary I-II*. London: John Murray, 1920.

CHAIM, Rabin. *Pequena História da Língua Hebraica*. Tradução de Rifka Berezin. São Paulo: Summus Editorial, 1973.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue Grecque*. Paris: Klincksieck, 1999 [1. Ed.: 1968].

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 3. ed. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951 [1. Ed.: 1932-1936].

GELB, Ignatius et al. (ed.). *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago* (21 Volumes). Chicago: The Oriental Institute, 1995-2010.

HALAYQA, Issam K. H. *A Comparative Lexicon of Ugaritic and Canaanite*. Münster: Ugarit-Verlag, 2008.

HOLLADAY, W. L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010 [1. Ed.: 1988].

HOUAISS – Instituto Antônio Houaiss. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KIRST, Nelson *et al.* *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. 31. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015 [1. Ed.: 1987].

KLEIN, Ernest. *A Comprehensive Etymological Dictionary of the Hebrew Language for Readers of English*. Jerusalem; Tel Aviv: CARTA, 1987.

LEWIS, C.; SHORT, C. *A Latin Dictionary I*. Oxford: Clarendon Press, 1955 [1. Ed.: 1879].

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. 7. ed. New York: Harper & Brothers, Franklin Square, 1889 [1. Ed.: 1843].

MIEROOP, Marc V. de. *Cuneiform Texts and the Writing of History*. London; New York: Routledge, 1999.

REZENDE, A. M.; BIANCHET S. B. *Dicionário do latim essencial*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014 [1. Ed.: 2005].

SARAIVA, Francisco R. dos Santos. *Novissimo Dicionario Latino-Portuguez*. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, 1881.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

STRONG, J. *A Concise Dictionary of the words in the Hebrew Bible*. Nashville; New York: Abingdon Press, 1890.

TAWIL, Hayim. *An Akkadian lexical companion to biblical Hebrew: etymological-semantic and idiomatic equivalents with supplement on biblical Aramaic*. Jersey City: KTAV Publishing House, 2009.

WALDENFELS, Hans (ed.). *Léxico das religiões*. Tradução de Luis M. Sander *et al.* Petrópolis: Vozes, 1995 [1. Ed.: 1987].